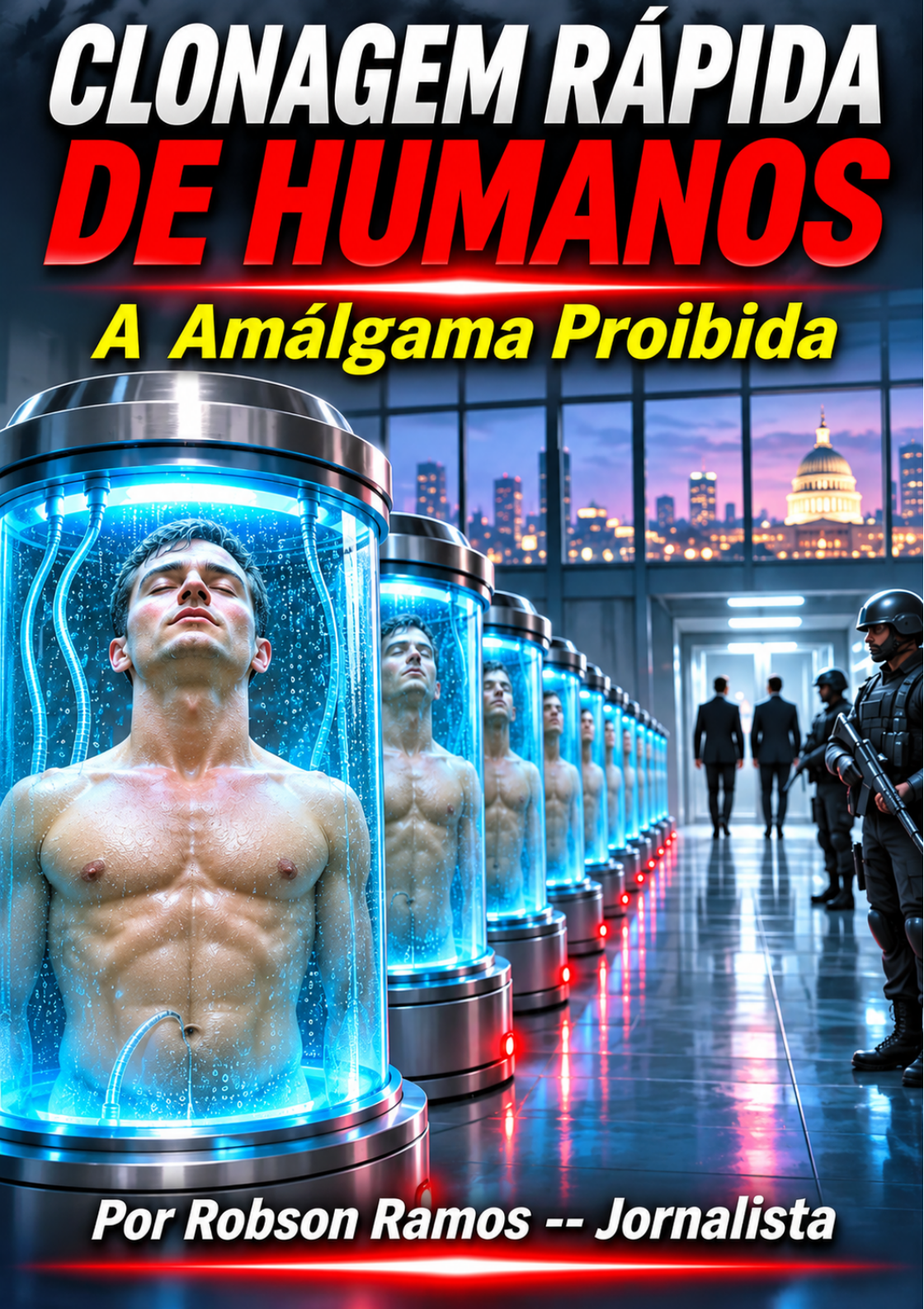
CLONAGEM RÁPIDA DE HUMANOS

A Amálgama Proibida



Por Robson Ramos -- Jornalista

CLONAGEM RÁPIDA DE HUMANOS

A Amálgama Proibida

Por Robson Ramos -- Jornalista

APRESENTAÇÃO

Este livro reúne, em linguagem acessível, os relatos sobre clonagem humana rápida divulgados por Donald Marshall e outros autores. O leitor encontrará explicações das palavras técnicas, o histórico das publicações e os diversos usos que os próprios denunciantes atribuem aos clones. As descrições extraordinárias são narradas como afirmações identificadas de suas fontes; elas não equivalem a procedimentos de clonagem humana cientificamente demonstrados.

A abordagem bíblica utiliza as expressões demônios, anjos caídos e espíritos imundos para discutir a pretensão espiritual de imitar o poder do Criador. Essa interpretação integra o ponto de vista teológico da obra e não é apresentada como observação de laboratório.

SUMÁRIO

Capítulo 1 — A pessoa e a cópia

Capítulo 2 — Duas formas de clonagem: replicação e duplicação

Capítulo 3 — 1938, 1945 e os primeiros relatos

Capítulo 4 — De onde viria o material biológico

Capítulo 5 — Os tanques, a água salgada e o crescimento acelerado

Capítulo 6 — Mark 1: os primeiros clones controlados pelo sono

Capítulo 7 — Mark 2: o corpo ativado durante o sonho

Capítulo 8 — Mark 3 e Mark 4: os clones independentes

Capítulo 9 — Os reanimados: a cópia de alguém que morreu

Capítulo 10 — Os defeitos, os erros e a manutenção

Capítulo 11 — O poder político e a figura do substituto

Capítulo 12 — Uso militar: missões, segredo e exposição ao perigo

Capítulo 13 — Cantores, atores, celebridades e a indústria da imagem

Capítulo 14 — Laboratórios, clínicas e o destino das amostras

Capítulo 15 — O sono REM e a sensação de estar em outro corpo

Capítulo 16 — Microchips, inteligência artificial e a cópia mental

Capítulo 17 — O nome bíblico dos seres espirituais

Capítulo 18 — A vida pertence ao Criador

Capítulo 19 — Donald Marshall e seu testemunho

Capítulo 20 — Ingrid, os arquivos e a circulação da história

Capítulo 21 — As perguntas que organizam uma investigação pública

Capítulo 22 — A amálgama proibida e o futuro da liberdade

Capítulo 1 — A pessoa e a cópia

O assunto deste capítulo, em palavras simples

O rosto é o mesmo. A voz parece a mesma. A altura, os olhos e os gestos lembram os da pessoa conhecida. Mas quem está diante de nós? Essa pergunta atravessa as denúncias sobre clonagem humana rápida. No sentido mais simples, um clone é um organismo que compartilha com outro a mesma informação genética nuclear, ou quase a mesma, dependendo do processo. A palavra veio a ser conhecida do grande público por causa de animais produzidos em laboratório. No material estudado aqui, porém, ela recebe um significado muito mais amplo: designa corpos humanos que seriam preparados para desempenhar determinadas funções.

O rosto serve para reconhecer alguém, mas não carrega sozinho a sua história. Numa cópia biológica, semelhança física e trajetória de vida são assuntos distintos. É por isso que os relatos de substituição insistem tanto em fotografias, vozes e gestos.

O primeiro cuidado para acompanhar a pessoa e a cópia é entender a ordem das informações. O

documento conta uma sequência; o leitor não precisa decorar nomes estrangeiros para percebê-la. Primeiro vem o problema que os autores apresentam. Depois aparecem os recursos que, segundo eles, seriam empregados. Por fim surgem os objetivos atribuídos ao sistema e os efeitos que ele provocaria sobre pessoas comuns. Essa ordem é o fio que conduz o capítulo.

A palavra clone no cotidiano

O DNA, abreviação de ácido desoxirribonucleico, é como uma longa coleção de instruções biológicas encontrada nas células. Ele ajuda a orientar a produção de proteínas e o desenvolvimento do organismo. Mas não é uma gravação de lembranças. Ter o DNA de alguém não significa automaticamente conhecer suas músicas favoritas, lembrar de sua infância ou pensar como essa pessoa. É por isso que a narrativa de Marshall reúne duas operações: formar uma cópia do corpo e conseguir que a cópia aja de maneira semelhante ao original. Uma operação pertence ao campo da reprodução biológica; a outra é apresentada como tecnologia de consciência e controle.

Clone não é necessariamente uma segunda pessoa adulta. Em ciência, células podem ser clonadas,

organismos podem compartilhar material genético, e tecidos podem ser cultivados. O livro focaliza a categoria extraordinária de duplicação adulta descrita pelos denunciantes.

Convém prestar atenção às expressões usadas pelas fontes. Uma palavra técnica pode ter um significado conhecido na ciência e outro mais amplo no relato clandestino. Ao explicar os dois sentidos, é possível acompanhar a história sem misturar processos diferentes. Aqui, a linguagem cotidiana funciona como uma tradução: em vez de esconder o assunto atrás do inglês, ela mostra quem estaria envolvido, o que estaria sendo feito e com qual finalidade.

A identidade por trás da aparência

Há também diferença entre aparência e identidade. Dois irmãos gêmeos idênticos podem se parecer muito e ainda assim ter personalidades, trajetórias e decisões diferentes. A produção de um corpo semelhante, portanto, não encerra a questão. Nos relatos reunidos nesta obra, os operadores dos centros de clonagem procurariam não apenas reproduzir a aparência, mas controlar o comportamento, o tempo de atividade e a posição social do corpo produzido. A finalidade determinaria o tipo escolhido: uma reunião noturna,

uma aparição pública, um teste, uma missão secreta ou uma substituição prolongada.

A pergunta decisiva não é somente se dois rostos são iguais. Também importa saber quem responde, quem decide e quem conserva as lembranças. A distinção aparece em todas as categorias apresentadas por Marshall.

A história de a pessoa e a cópia também pode ser vista do lado de quem seria afetado. Nem todas as pessoas descritas nos relatos teriam escolhido participar. Por isso entram em cena o conhecimento da própria situação, a liberdade de decisão e os interesses de quem controlaria os procedimentos. Mesmo quando o autor destaca máquinas e instalações, o efeito principal de sua narrativa recai sobre corpos, memórias, trajetórias pessoais e relações de poder.

Por que a cópia interessaria ao poder

A palavra amálgama, presente no subtítulo, significa mistura ou combinação de elementos diferentes. Aqui ela indica a junção entre matéria biológica, dispositivos eletrônicos, objetivos de poder e uma interpretação espiritual da vida. A expressão 'proibida' pertence à linguagem moral e religiosa da obra:

nomeia a pretensão de fazer de um ser vivo um objeto de fabricação, posse e uso. Ao longo dos capítulos, essa ideia será examinada tanto no funcionamento alegado da tecnologia quanto nas consequências para a liberdade da pessoa.

Um substituto fiel poderia estar presente enquanto o original está em outro lugar. Essa possibilidade explica o interesse político, militar e artístico imaginado nos relatos, com vantagens diferentes para cada área.

Outra maneira de compreender esse trecho é imaginar o problema de organização enfrentado pelos supostos responsáveis. Cada utilização teria de atender a uma finalidade: reunir pessoas em segredo, ocupar o lugar de alguém, proteger um original ou manter uma imagem pública. Os modelos relatados por Marshall são apresentados como respostas diferentes a necessidades diferentes. Assim, a variedade de categorias não é simples mudança de nome, mas parte da lógica interna do seu sistema.

A pessoa não é um objeto

Mesmo numa narrativa de fabricação artificial, o indivíduo produzido não deve ser reduzido a

ferramenta. O tema ganha uma dimensão humana quando se pergunta o que aconteceria com a vontade, a liberdade e as experiências dessa pessoa.

Para guardar o essencial deste capítulo, vale retornar a três perguntas: qual é a afirmação feita, qual é o nome dado ao processo e por que alguém teria interesse nele? Essas perguntas ajudam a compreender a pessoa e a cópia sem perder o enredo maior do livro. Elas também mostram a razão de os relatos tratarem a fabricação de cópias como assunto de poder, e não apenas como curiosidade biológica. O próximo capítulo acrescenta outro elemento dessa mesma narrativa.

Capítulo 2 — Duas formas de clonagem: replicação e duplicação

O assunto deste capítulo, em palavras simples

Donald Marshall usa duas expressões inglesas: replication cloning e duplication cloning. Para facilitar, chamaremos a primeira de clonagem por replicação e a segunda de clonagem por duplicação. A primeira segue a lógica de gerar um novo organismo que começa sua vida como bebê. A segunda, no relato de Marshall, procuraria produzir diretamente um corpo com a forma e a idade aparente de outro indivíduo. Essa diferença é o alicerce da história inteira.

Replication cloning descreve começar uma nova vida por um processo de reprodução. Duplication cloning, no vocabulário do dossiê, descreve a tentativa de obter rapidamente um corpo parecido com alguém já desenvolvido. A diferença de finalidade é fundamental.

O primeiro cuidado para acompanhar duas formas de clonagem: replicação e duplicação é entender a ordem das informações. O documento conta uma sequência;

o leitor não precisa decorar nomes estrangeiros para percebê-la. Primeiro vem o problema que os autores apresentam. Depois aparecem os recursos que, segundo eles, seriam empregados. Por fim surgem os objetivos atribuídos ao sistema e os efeitos que ele provocaria sobre pessoas comuns. Essa ordem é o fio que conduz o capítulo.

O núcleo e as instruções da célula

Na clonagem por replicação, o nome técnico mais conhecido é transferência nuclear de célula somática. Parece complicado, mas a ideia geral pode ser explicada em poucos passos: o núcleo de uma célula contém grande parte do DNA; um óvulo pode receber material nuclear de outra célula; o desenvolvimento embrionário é então estudado em condições adequadas. Foi uma técnica da mesma família que permitiu produzir animais clonados. Quando Marshall fala em replicação, ele descreve um novo nascimento e um crescimento comum, com infância, adolescência e vida adulta. O relógio biológico acompanha os anos.

A transferência nuclear de célula somática é uma técnica científica real de clonagem. Nela, o núcleo de uma célula é transferido para um óvulo cujo núcleo foi

retirado. Isso não deve ser confundido com produzir um adulto imediatamente.

Convém prestar atenção às expressões usadas pelas fontes. Uma palavra técnica pode ter um significado conhecido na ciência e outro mais amplo no relato clandestino. Ao explicar os dois sentidos, é possível acompanhar a história sem misturar processos diferentes. Aqui, a linguagem cotidiana funciona como uma tradução: em vez de esconder o assunto atrás do inglês, ela mostra quem estaria envolvido, o que estaria sendo feito e com qual finalidade.

A descrição da duplicação

Na clonagem por duplicação, ele descreve algo distinto. Células do indivíduo original seriam colocadas num recipiente de cultivo, descrito como um grande tanque com líquido salgado. Estímulos elétricos e procedimentos que ele associa à medicina regenerativa participariam do crescimento. Em seu documento, Marshall dá uma média de cinco meses para a formação de um corpo duplicado. O prazo aparece como informação do testemunho, não como duração de um método clínico estabelecido. É a rapidez que faz essa categoria ocupar o centro do livro.

No relato de Marshall, células retiradas de um indivíduo seriam submetidas a um processo artificial de crescimento. Ele atribui a esse método um resultado muito mais rápido que o desenvolvimento humano comum.

A história de duas formas de clonagem: replicação e duplicação também pode ser vista do lado de quem seria afetado. Nem todas as pessoas descritas nos relatos teriam escolhido participar. Por isso entram em cena o conhecimento da própria situação, a liberdade de decisão e os interesses de quem controlaria os procedimentos. Mesmo quando o autor destaca máquinas e instalações, o efeito principal de sua narrativa recai sobre corpos, memórias, trajetórias pessoais e relações de poder.

Por que os termos importam

É importante conhecer outro termo: medicina regenerativa. Ele designa pesquisas que buscam reparar, substituir ou reconstruir tecidos e funções danificadas. O leitor pode imaginar uma ferida cicatrizando ou um tecido recuperando parte de sua estrutura. Marshall usa esse campo como ponto de comparação para a duplicação completa. Contudo, reparar uma parte do corpo e formar um organismo

inteiro são tarefas diferentes. No vocabulário do dossiê, as tecnologias regenerativas seriam levadas a uma escala extrema e utilizadas para fabricar corpos. Essa é a descrição que será examinada nos capítulos seguintes.

Quando uma reportagem fala em clonagem, pode estar tratando de animais, embriões, células ou órgãos. Usar uma palavra só para tudo cria confusão. Este livro preserva os nomes que aparecem nos depoimentos e explica o sentido de cada um.

Outra maneira de compreender esse trecho é imaginar o problema de organização enfrentado pelos supostos responsáveis. Cada utilização teria de atender a uma finalidade: reunir pessoas em segredo, ocupar o lugar de alguém, proteger um original ou manter uma imagem pública. Os modelos relatados por Marshall são apresentados como respostas diferentes a necessidades diferentes. Assim, a variedade de categorias não é simples mudança de nome, mas parte da lógica interna do seu sistema.

O prazo que tornou a história conhecida

A cifra de cinco meses aparece nos relatos de duplicação e merece ser registrada exatamente como

alegação. Ela distingue o sistema apresentado por Marshall tanto da gravidez habitual quanto das pesquisas reconhecidas de laboratório.

Para guardar o essencial deste capítulo, vale retornar a três perguntas: qual é a afirmação feita, qual é o nome dado ao processo e por que alguém teria interesse nele? Essas perguntas ajudam a compreender duas formas de clonagem: replicação e duplicação sem perder o enredo maior do livro. Elas também mostram a razão de os relatos tratarem a fabricação de cópias como assunto de poder, e não apenas como curiosidade biológica. O próximo capítulo acrescenta outro elemento dessa mesma narrativa.

Capítulo 3 — 1938, 1945 e os primeiros relatos

O assunto deste capítulo, em palavras simples

A cronologia apresentada pelas fontes não começa no século XXI. Um dos nomes citados por Marshall é George Green, que, em entrevista ao Project Camelot em 2008, afirmou que cientistas norte-americanos já fabricariam pessoas sintéticas desde 1938. Green chamou esses seres de 'synthetics', ou sintéticos. Segundo ele, a produção levaria meses e permitiria obter duplicatas capazes de caminhar, falar e agir. Green também associou o assunto ao uso político de substitutos.

Nas entrevistas atribuídas a George Green, o ano de 1938 seria o começo da produção de seres sintéticos. A data é parte do depoimento dele e não de um registro de laboratório apresentado no livro.

O primeiro cuidado para acompanhar 1938, 1945 e os primeiros relatos é entender a ordem das informações. O documento conta uma sequência; o leitor não precisa decorar nomes estrangeiros para percebê-la.

Primeiro vem o problema que os autores apresentam. Depois aparecem os recursos que, segundo eles, seriam empregados. Por fim surgem os objetivos atribuídos ao sistema e os efeitos que ele provocaria sobre pessoas comuns. Essa ordem é o fio que conduz o capítulo.

1945 segundo Marshall

Marshall escolhe 1945 como marco para a tecnologia de clones ativados durante o sono. É o ano do fim da Segunda Guerra Mundial. Ao descrever as primeiras unidades, ele fala em dificuldades, defeitos e efeitos colaterais. A geração inicial receberia mais tarde, em relatos associados a Peter David Beter, o nome de 'robotoides orgânicos'. A expressão parece indicar máquinas, mas Marshall insiste que seriam corpos biológicos, não robôs de metal ou plástico. O termo, nesse contexto, fala de controle, não de engrenagens.

Marshall escolhe o fim da Segunda Guerra como marco para uma nova etapa de controle de clones durante o sono. Ao comparar datas, é importante não transformar duas declarações distintas em um único acontecimento.

Convém prestar atenção às expressões usadas pelas fontes. Uma palavra técnica pode ter um significado conhecido na ciência e outro mais amplo no relato clandestino. Ao explicar os dois sentidos, é possível acompanhar a história sem misturar processos diferentes. Aqui, a linguagem cotidiana funciona como uma tradução: em vez de esconder o assunto atrás do inglês, ela mostra quem estaria envolvido, o que estaria sendo feito e com qual finalidade.

As cartas de Peter Beter

Na década de 1970, Peter David Beter passou a divulgar cartas gravadas em áudio sobre operações clandestinas e duplicatas de figuras públicas. Essas gravações ajudam a acompanhar o crescimento histórico da narrativa. Em 2008 aparecem as falas atribuídas a George Green; em 2012, Donald Marshall começa a circular relatos pessoais; em 2015 ele reúne uma exposição extensa; em 2025 e 2026, Ingrid retoma e organiza o assunto em artigos especializados. São marcos de publicação e circulação das denúncias, e não datas verificadas de funcionamento de uma fábrica humana.

Décadas depois, Beter descreveu supostos substitutos orgânicos de líderes. O termo robotoide orgânico

pertence a essa tradição de relatos e permite perceber que a ideia de duplicatas políticas já circulava antes de Marshall.

A história de 1938, 1945 e os primeiros relatos também pode ser vista do lado de quem seria afetado. Nem todas as pessoas descritas nos relatos teriam escolhido participar. Por isso entram em cena o conhecimento da própria situação, a liberdade de decisão e os interesses de quem controlaria os procedimentos. Mesmo quando o autor destaca máquinas e instalações, o efeito principal de sua narrativa recai sobre corpos, memórias, trajetórias pessoais e relações de poder.

2008: uma nova forma de divulgação

Por que essa sucessão importa? Porque uma história ganha contornos diferentes quando se acompanha quem disse o quê e em que momento. Uma frase repetida cinquenta anos depois pode parecer notícia recente, embora tenha surgido numa gravação antiga. Aqui, o leitor encontrará a cadeia de relatos aberta: Beter, Green, Marshall e os textos de Ingrid. A leitura fica mais rica quando cada nome permanece ligado às suas próprias afirmações.

As entrevistas do Project Camelot ajudaram a reunir afirmações sobre seres sintéticos, memória e manutenção periódica. A circulação em vídeo ampliou o público dessas histórias.

Outra maneira de compreender esse trecho é imaginar o problema de organização enfrentado pelos supostos responsáveis. Cada utilização teria de atender a uma finalidade: reunir pessoas em segredo, ocupar o lugar de alguém, proteger um original ou manter uma imagem pública. Os modelos relatados por Marshall são apresentados como respostas diferentes a necessidades diferentes. Assim, a variedade de categorias não é simples mudança de nome, mas parte da lógica interna do seu sistema.

2012 a 2026: os documentos se acumulam

Os depoimentos de Marshall, o dossiê de 2015 e os textos posteriores de Ingrid formam uma cadeia de publicações. Identificar a data de cada uma mostra como os detalhes foram sendo explicados e reinterpretados.

Para guardar o essencial deste capítulo, vale retornar a três perguntas: qual é a afirmação feita, qual é o nome

dado ao processo e por que alguém teria interesse nele? Essas perguntas ajudam a compreender 1938, 1945 e os primeiros relatos sem perder o enredo maior do livro. Elas também mostram a razão de os relatos tratarem a fabricação de cópias como assunto de poder, e não apenas como curiosidade biológica. O próximo capítulo acrescenta outro elemento dessa mesma narrativa.

Capítulo 4 — De onde viria o material biológico

O assunto deste capítulo, em palavras simples

No relato de Marshall, a primeira matéria-prima da duplicação seria retirada da própria pessoa a ser copiada. Células são pequenas unidades que formam tecidos como a pele, o sangue e os músculos. Quase todas as células humanas com núcleo carregam uma versão do conjunto de instruções genéticas do indivíduo. Em princípio, obter material genético de uma pessoa é diferente de conseguir formar um novo corpo. Mas, no sistema descrito, a coleta serviria como ponto de partida para a produção do duplicado.

Células de pele, sangue ou outros tecidos podem conter material genético. O DNA é um conjunto de instruções para a atividade celular, e não um arquivo completo da biografia de alguém.

O primeiro cuidado para acompanhar de onde viria o material biológico é entender a ordem das informações. O documento conta uma sequência; o leitor não precisa decorar nomes estrangeiros para

percebê-la. Primeiro vem o problema que os autores apresentam. Depois aparecem os recursos que, segundo eles, seriam empregados. Por fim surgem os objetivos atribuídos ao sistema e os efeitos que ele provocaria sobre pessoas comuns. Essa ordem é o fio que conduz o capítulo.

O primeiro momento dos relatos

Marshall afirma que, nas primeiras décadas, teriam sido utilizados fragmentos de tecido obtidos em procedimentos médicos, materiais colhidos em exames ginecológicos e tecidos descartados após cirurgias. Em sua narrativa pessoal, ele conta que a retirada de tecido durante uma operação feita na infância teria permitido a fabricação de cópias suas. O episódio ocupa papel central em sua exposição porque transforma uma denúncia geral em um testemunho sobre a própria vida. Trata-se de uma afirmação pessoal de Marshall, não de um prontuário cirúrgico reproduzido no livro.

Marshall menciona amostras obtidas em procedimentos médicos e descartes de tecidos. A narrativa coloca a coleta de material biológico antes de qualquer suposto processo de duplicação.

Convém prestar atenção às expressões usadas pelas fontes. Uma palavra técnica pode ter um significado conhecido na ciência e outro mais amplo no relato clandestino. Ao explicar os dois sentidos, é possível acompanhar a história sem misturar processos diferentes. Aqui, a linguagem cotidiana funciona como uma tradução: em vez de esconder o assunto atrás do inglês, ela mostra quem estaria envolvido, o que estaria sendo feito e com qual finalidade.

A mudança relatada por volta de 2000

Segundo o mesmo documento, a tecnologia teria mudado por volta do ano 2000. A coleta de sangue passaria a ser suficiente para obter o material necessário. Essa passagem chama atenção para a questão do consentimento. Uma amostra entregue para um exame comum poderia, no cenário descrito, adquirir outro destino sem que seu proprietário soubesse. A preocupação com o uso indevido de amostras biológicas não depende da existência de clones secretos: saber quem guarda o material, por quanto tempo e para qual finalidade já é uma questão real de ética médica.

No documento, Marshall afirma que amostras sanguíneas passaram a desempenhar esse papel. A

passagem é importante para entender por que ele considera a clonagem clandestina mais fácil de esconder.

A história de de onde viria o material biológico também pode ser vista do lado de quem seria afetado. Nem todas as pessoas descritas nos relatos teriam escolhido participar. Por isso entram em cena o conhecimento da própria situação, a liberdade de decisão e os interesses de quem controlaria os procedimentos. Mesmo quando o autor destaca máquinas e instalações, o efeito principal de sua narrativa recai sobre corpos, memórias, trajetórias pessoais e relações de poder.

Consentimento e confiança

Para o leitor, a ideia principal é simples. Primeiro viria a identificação da pessoa a ser reproduzida. Depois, a obtenção de células. Em seguida, conforme a denúncia, o material entraria num processo de cultivo e desenvolvimento. Por fim, haveria um corpo que precisaria ser ativado ou orientado para desempenhar a tarefa escolhida. Os detalhes alegados desse percurso serão apresentados sem transformá-los em instruções de laboratório.

Uma pessoa pode fornecer sangue ou tecido para um exame sem autorizar nenhuma outra utilização. Esse é um assunto de ética médica real, independentemente da existência dos centros descritos.

Outra maneira de compreender esse trecho é imaginar o problema de organização enfrentado pelos supostos responsáveis. Cada utilização teria de atender a uma finalidade: reunir pessoas em segredo, ocupar o lugar de alguém, proteger um original ou manter uma imagem pública. Os modelos relatados por Marshall são apresentados como respostas diferentes a necessidades diferentes. Assim, a variedade de categorias não é simples mudança de nome, mas parte da lógica interna do seu sistema.

Do material ao nome de alguém

Para os denunciantes, a identificação de uma pessoa seria seguida pela obtenção de células e pela fabricação de sua cópia. Essa sequência explica o receio de que material biológico guardado possa ser utilizado sem conhecimento do proprietário.

Para guardar o essencial deste capítulo, vale retornar a três perguntas: qual é a afirmação feita, qual é o nome dado ao processo e por que alguém teria interesse

nele? Essas perguntas ajudam a compreender de onde viria o material biológico sem perder o enredo maior do livro. Elas também mostram a razão de os relatos tratarem a fabricação de cópias como assunto de poder, e não apenas como curiosidade biológica. O próximo capítulo acrescenta outro elemento dessa mesma narrativa.

Capítulo 5 — Os tanques, a água salgada e o crescimento acelerado

O assunto deste capítulo, em palavras simples

Na descrição de Marshall, o clone por duplicação seria desenvolvido em grandes recipientes, chamados de tanques, que conteriam um meio líquido salgado. O líquido faria parte de um ambiente artificial destinado a sustentar a formação do organismo. Não se trata, nessa narrativa, de uma gestação tradicional no corpo de uma mulher. O objetivo seria obter uma cópia com aparência já desenvolvida, evitando o tempo necessário para crescer desde o nascimento.

A imagem principal é a de grandes recipientes contendo água salgada. O líquido aparece como ambiente de cultivo do organismo em formação. Esse cenário faz parte do depoimento, não de um desenho técnico comprovado.

O primeiro cuidado para acompanhar os tanques, a água salgada e o crescimento acelerado é entender a ordem das informações. O documento conta uma sequência; o leitor não precisa decorar nomes

estrangeiros para percebê-la. Primeiro vem o problema que os autores apresentam. Depois aparecem os recursos que, segundo eles, seriam empregados. Por fim surgem os objetivos atribuídos ao sistema e os efeitos que ele provocaria sobre pessoas comuns. Essa ordem é o fio que conduz o capítulo.

O que significa meio de cultivo

O documento fala em agitação repetida das células e no uso de estímulos elétricos. 'Estimulação elétrica' significa aplicação controlada de sinais ou correntes em determinado contexto. Na medicina, existem procedimentos elétricos reais, como estimulação de nervos e músculos. O uso dessas palavras no documento, porém, não identifica um aparelho médico específico que produza um corpo humano inteiro. Elas fazem parte da descrição atribuída ao sistema clandestino. A afirmação mais conhecida é que, em média, um corpo duplicado apareceria ao fim de cerca de cinco meses.

Um meio de cultivo é o ambiente preparado para manter células vivas. Em laboratórios reais, temperatura, nutrientes e outros fatores são controlados. Marshall emprega essa ideia para descrever os supostos tanques.

Convém prestar atenção às expressões usadas pelas fontes. Uma palavra técnica pode ter um significado conhecido na ciência e outro mais amplo no relato clandestino. Ao explicar os dois sentidos, é possível acompanhar a história sem misturar processos diferentes. Aqui, a linguagem cotidiana funciona como uma tradução: em vez de esconder o assunto atrás do inglês, ela mostra quem estaria envolvido, o que estaria sendo feito e com qual finalidade.

O papel atribuído à eletricidade

A vantagem buscada seria evidente: quem precisa de uma pessoa aparentemente adulta não deseja esperar vinte ou trinta anos para que um bebê cresça. Em vez de criar uma nova geração, a duplicação procuraria copiar o aspecto físico que o original já possui. Para uma reunião reservada, uma missão pontual ou uma substituição de imagem pública, essa diferença de tempo seria decisiva dentro da narrativa. O clone deixaria de ser apenas um descendente genético e passaria a funcionar como uma duplicata disponível para determinado propósito.

O dossiê menciona estimulação elétrica durante a formação do corpo. Na medicina existem usos reais de

sinais elétricos, mas Marshall os coloca num contexto de duplicação humana acelerada.

A história de os tanques, a água salgada e o crescimento acelerado também pode ser vista do lado de quem seria afetado. Nem todas as pessoas descritas nos relatos teriam escolhido participar. Por isso entram em cena o conhecimento da própria situação, a liberdade de decisão e os interesses de quem controlaria os procedimentos. Mesmo quando o autor destaca máquinas e instalações, o efeito principal de sua narrativa recai sobre corpos, memórias, trajetórias pessoais e relações de poder.

Cinco meses para aparecer adulto

Marshall cita Stephen Badylak, pesquisador ligado à medicina regenerativa, e reportagens sobre recuperação de tecidos humanos. Essa comparação permite entender o raciocínio que ele apresenta: se um tecido pode recuperar estruturas, ele imagina uma tecnologia secreta capaz de coordenar a formação de um corpo. É preciso, contudo, manter cada fonte em seu lugar: o trabalho de Badylak diz respeito à regeneração de tecidos; os tanques e os cinco meses pertencem ao testemunho de Marshall. A importância investigativa não está em misturar os dois registros,

mas em saber como Marshall construiu sua explicação.

O prazo apresentado busca explicar a produção de uma aparência adulta em muito menos tempo que o crescimento natural. A rapidez é a característica que diferencia essa denúncia da clonagem reprodutiva convencional.

Outra maneira de compreender esse trecho é imaginar o problema de organização enfrentado pelos supostos responsáveis. Cada utilização teria de atender a uma finalidade: reunir pessoas em segredo, ocupar o lugar de alguém, proteger um original ou manter uma imagem pública. Os modelos relatados por Marshall são apresentados como respostas diferentes a necessidades diferentes. Assim, a variedade de categorias não é simples mudança de nome, mas parte da lógica interna do seu sistema.

A comparação com regeneração

O trabalho de Stephen Badylak ajuda a entender por que os autores se interessam por reconstrução de tecidos. Reparar um ferimento, porém, é um processo diferente de desenvolver um ser humano completo.

Para guardar o essencial deste capítulo, vale retornar a três perguntas: qual é a afirmação feita, qual é o nome dado ao processo e por que alguém teria interesse nele? Essas perguntas ajudam a compreender os tanques, a água salgada e o crescimento acelerado sem perder o enredo maior do livro. Elas também mostram a razão de os relatos tratarem a fabricação de cópias como assunto de poder, e não apenas como curiosidade biológica. O próximo capítulo acrescenta outro elemento dessa mesma narrativa.

Capítulo 6 — Mark 1: os primeiros clones controlados pelo sono

O assunto deste capítulo, em palavras simples

A palavra inglesa mark pode significar modelo, marca ou geração. Marshall apresenta quatro graus principais, chamados Mark 1, Mark 2, Mark 3 e Mark 4, além dos reanimados. O primeiro seria o Mark 1, descrito como uma versão antiga do clone dependente de sono REM. REM é a sigla para rapid eye movement, isto é, movimento rápido dos olhos. É uma fase do sono na qual o cérebro pode estar muito ativo e os sonhos costumam ser intensos.

Mark 1 seria o nome das primeiras cópias ativadas por conexão com o sono do original. Marshall descreve essa fase como rudimentar e sujeita a muitos efeitos indesejados.

O primeiro cuidado para acompanhar mark 1: os primeiros clones controlados pelo sono é entender a ordem das informações. O documento conta uma sequência; o leitor não precisa decorar nomes

estrangeiros para percebê-la. Primeiro vem o problema que os autores apresentam. Depois aparecem os recursos que, segundo eles, seriam empregados. Por fim surgem os objetivos atribuídos ao sistema e os efeitos que ele provocaria sobre pessoas comuns. Essa ordem é o fio que conduz o capítulo.

Por que o sono entra na história

No sistema narrado por Marshall, o Mark 1 não funcionaria como um indivíduo independente. Sua atividade estaria ligada à consciência do original durante o sono. Quando o original dormisse e alcançasse a fase necessária, o corpo duplicado passaria a agir. Quando a ligação terminasse, o clone ficaria inativo. Para explicar de modo simples: seria como uma segunda presença física que dependeria da pessoa adormecida, embora a ligação alegada não corresponda a uma técnica neurocientífica demonstrada.

O estágio REM é conhecido pelos movimentos rápidos dos olhos e por sonhos intensos. O relato dá a essa fase um papel operacional, como se ela abrisse a possibilidade de ligação com outro corpo.

Convém prestar atenção às expressões usadas pelas fontes. Uma palavra técnica pode ter um significado conhecido na ciência e outro mais amplo no relato clandestino. Ao explicar os dois sentidos, é possível acompanhar a história sem misturar processos diferentes. Aqui, a linguagem cotidiana funciona como uma tradução: em vez de esconder o assunto atrás do inglês, ela mostra quem estaria envolvido, o que estaria sendo feito e com qual finalidade.

O corpo original permanece em repouso

O principal problema atribuído ao Mark 1 seria a quantidade de efeitos adversos. Marshall fala em consequências para o original e em dificuldades que levariam à preferência por modelos posteriores. Alguns relatos anteriores chamam esses corpos de 'robotoides orgânicos'. O termo não deve confundir: no dossiê, eles não são descritos como bonecos mecânicos, e sim como organismos fabricados cuja movimentação estaria subordinada a um sistema de controle. O defeito principal, portanto, não seria uma aparência metálica, mas a instabilidade operacional.

A narrativa sustenta que a pessoa não desapareceria fisicamente de sua cama. Seu corpo habitual

continuaria adormecido enquanto ela experimentaria percepções através do clone.

A história de mark 1: os primeiros clones controlados pelo sono também pode ser vista do lado de quem seria afetado. Nem todas as pessoas descritas nos relatos teriam escolhido participar. Por isso entram em cena o conhecimento da própria situação, a liberdade de decisão e os interesses de quem controlaria os procedimentos. Mesmo quando o autor destaca máquinas e instalações, o efeito principal de sua narrativa recai sobre corpos, memórias, trajetórias pessoais e relações de poder.

Erros de adaptação

Essa primeira geração ocupa um lugar histórico na narrativa: demonstra que a fabricação de um corpo, segundo Marshall, não bastaria. Seria preciso aperfeiçoar o modo de controlá-lo, reduzir consequências ao original e prolongar sua capacidade de uso. A passagem do Mark 1 ao Mark 2 é apresentada como uma melhoria de confiabilidade, quase como a mudança entre um equipamento antigo e sua versão aperfeiçoada.

Em versões iniciais, Marshall menciona desconfortos, falhas e dificuldades de funcionamento. Esses problemas são parte da distinção que ele faz entre gerações de clones.

Outra maneira de compreender esse trecho é imaginar o problema de organização enfrentado pelos supostos responsáveis. Cada utilização teria de atender a uma finalidade: reunir pessoas em segredo, ocupar o lugar de alguém, proteger um original ou manter uma imagem pública. Os modelos relatados por Marshall são apresentados como respostas diferentes a necessidades diferentes. Assim, a variedade de categorias não é simples mudança de nome, mas parte da lógica interna do seu sistema.

Por que o primeiro modelo seria mantido

A utilidade alegada do Mark 1 seria permitir reuniões ou atividades sem deslocar fisicamente o original. O modelo seria importante historicamente, ainda que fosse superado por versões posteriores.

Para guardar o essencial deste capítulo, vale retornar a três perguntas: qual é a afirmação feita, qual é o nome dado ao processo e por que alguém teria interesse

nele? Essas perguntas ajudam a compreender mark 1: os primeiros clones controlados pelo sono sem perder o enredo maior do livro. Elas também mostram a razão de os relatos tratarem a fabricação de cópias como assunto de poder, e não apenas como curiosidade biológica. O próximo capítulo acrescenta outro elemento dessa mesma narrativa.

Capítulo 7 — Mark 2: o corpo ativado durante o sonho

O assunto deste capítulo, em palavras simples

O Mark 2 é o centro do testemunho pessoal de Marshall. Ele afirma que essa segunda geração teria menos efeitos colaterais e seria utilizada para encontros secretos durante o sono. O procedimento alegado começa com a existência de uma cópia corporal da pessoa. O original adormece em sua própria cama. Quando entra na fase REM, a consciência seria ligada ao duplicado, que passaria a caminhar, falar e experimentar o ambiente de um centro de clonagem.

Marshall apresenta Mark 2 como uma evolução do clone REM, procurando reduzir os problemas do modelo anterior. O princípio continua sendo a dependência do original adormecido.

O primeiro cuidado para acompanhar mark 2: o corpo ativado durante o sonho é entender a ordem das informações. O documento conta uma sequência; o leitor não precisa decorar nomes estrangeiros para

percebê-la. Primeiro vem o problema que os autores apresentam. Depois aparecem os recursos que, segundo eles, seriam empregados. Por fim surgem os objetivos atribuídos ao sistema e os efeitos que ele provocaria sobre pessoas comuns. Essa ordem é o fio que conduz o capítulo.

A fase REM em palavras simples

Marshall menciona o intervalo de aproximadamente noventa a cento e dez minutos após adormecer como uma referência comum para o primeiro episódio REM. É uma aproximação, pois a arquitetura real do sono varia de pessoa para pessoa e ao longo da noite. Em seu relato aparecem lâmpadas de indicação, vermelha para o original desperto e verde para o momento da ativação. A ideia é oferecer aos operadores um sinal de quando determinada cópia estaria disponível.

Durante o sono, o cérebro passa por ciclos. REM é uma dessas fases; nela ocorrem sonhos vívidos com frequência. O documento relaciona a ativação da cópia a esse momento.

Convém prestar atenção às expressões usadas pelas fontes. Uma palavra técnica pode ter um significado conhecido na ciência e outro mais amplo no relato

clandestino. Ao explicar os dois sentidos, é possível acompanhar a história sem misturar processos diferentes. Aqui, a linguagem cotidiana funciona como uma tradução: em vez de esconder o assunto atrás do inglês, ela mostra quem estaria envolvido, o que estaria sendo feito e com qual finalidade.

A sensação de estar em outro lugar

O mecanismo apresentado é chamado de transferência de consciência. Consciência é a experiência de perceber o mundo e a si mesmo: ver, ouvir, sentir, lembrar e decidir. Na narrativa, a pessoa não receberia apenas imagens de um lugar distante; ela passaria a vivenciar aquele lugar através do corpo duplicado. Marshall descreve o retorno ao corpo original ao despertar e afirma ter sofrido durante anos sem recordar imediatamente aquilo que teria vivido nas instalações.

Os depoimentos descrevem experiências com lugares e pessoas enquanto o corpo original dorme. Essa é a forma pela qual Marshall relata o que acredita ocorrer nos centros de clonagem.

A história de mark 2: o corpo ativado durante o sonho também pode ser vista do lado de quem seria afetado.

Nem todas as pessoas descritas nos relatos teriam escolhido participar. Por isso entram em cena o conhecimento da própria situação, a liberdade de decisão e os interesses de quem controlaria os procedimentos. Mesmo quando o autor destaca máquinas e instalações, o efeito principal de sua narrativa recai sobre corpos, memórias, trajetórias pessoais e relações de poder.

Uma rotina com duas experiências

Essa característica dá ao Mark 2 uma finalidade particular: permitir que pessoas participem de reuniões sem deixar o quarto, viajar ou aparecer em registros de deslocamento. Marshall associa essa função a encontros de integrantes de grupos poderosos e menciona o Bohemian Grove como exemplo de local que, em sua versão da história, teria perdido parte de sua importância operacional. O núcleo do relato é a separação entre o lugar onde alguém dorme e o lugar onde sua cópia supostamente age.

Se o relato fosse aplicado ao cotidiano, a pessoa poderia acordar com lembranças fragmentadas da noite. A confusão entre sonho, memória e experiência externa torna-se tema recorrente no testemunho.

Outra maneira de compreender esse trecho é imaginar o problema de organização enfrentado pelos supostos responsáveis. Cada utilização teria de atender a uma finalidade: reunir pessoas em segredo, ocupar o lugar de alguém, proteger um original ou manter uma imagem pública. Os modelos relatados por Marshall são apresentados como respostas diferentes a necessidades diferentes. Assim, a variedade de categorias não é simples mudança de nome, mas parte da lógica interna do seu sistema.

O que mudou entre as gerações

O contraste Mark 1 e Mark 2 é sobretudo o grau de estabilidade atribuído ao funcionamento. Ambos permanecem ligados ao sono, diferentemente das versões independentes.

Para guardar o essencial deste capítulo, vale retornar a três perguntas: qual é a afirmação feita, qual é o nome dado ao processo e por que alguém teria interesse nele? Essas perguntas ajudam a compreender mark 2: o corpo ativado durante o sonho sem perder o enredo maior do livro. Elas também mostram a razão de os relatos tratarem a fabricação de cópias como assunto de poder, e não apenas como curiosidade biológica. O

próximo capítulo acrescenta outro elemento dessa mesma narrativa.

Capítulo 8 — Mark 3 e Mark 4: os clones independentes

O assunto deste capítulo, em palavras simples

Mark 3 e Mark 4 são descritos como categorias independentes. Diferentemente dos modelos controlados durante o sono, não precisariam que o original estivesse dormindo para agir. Marshall afirma que carregariam um microchip contendo uma cópia da consciência da pessoa. A palavra microchip designa um pequeno circuito eletrônico capaz de executar funções como armazenar, processar ou transmitir informações. No relato, sua função seria muito maior: servir como suporte para uma identidade mental copiada.

Mark 3 e Mark 4 são descritos como clones independentes, isto é, sem necessidade de o original dormir para que se movimentem. Essa mudança altera por completo sua possível utilização.

O primeiro cuidado para acompanhar mark 3 e mark 4: os clones independentes é entender a ordem das informações. O documento conta uma sequência; o

leitor não precisa decorar nomes estrangeiros para percebê-la. Primeiro vem o problema que os autores apresentam. Depois aparecem os recursos que, segundo eles, seriam empregados. Por fim surgem os objetivos atribuídos ao sistema e os efeitos que ele provocaria sobre pessoas comuns. Essa ordem é o fio que conduz o capítulo.

Microchip não é sinônimo de memória humana

O Mark 3 aparece como uma geração independente inicial. O Mark 4 seria seu aperfeiçoamento. Ambos poderiam conversar, andar e participar de situações nas quais a presença do original seria inconveniente ou impossível. Isso abre, na narrativa, a possibilidade de uma aparição pública enquanto a pessoa verdadeira se encontra em outro lugar. O clone deixaria de ser um corpo usado apenas num centro secreto e passaria a ocupar espaços visíveis da sociedade.

Um microchip é um circuito que armazena ou processa informações. O dossiê atribui a certos dispositivos uma cópia da consciência, apresentando isso como parte de sua tecnologia clandestina.

Convém prestar atenção às expressões usadas pelas fontes. Uma palavra técnica pode ter um significado conhecido na ciência e outro mais amplo no relato clandestino. Ao explicar os dois sentidos, é possível acompanhar a história sem misturar processos diferentes. Aqui, a linguagem cotidiana funciona como uma tradução: em vez de esconder o assunto atrás do inglês, ela mostra quem estaria envolvido, o que estaria sendo feito e com qual finalidade.

A comparação com aparelhos que falham

Marshall atribui a esses modelos um período de funcionamento de seis a doze meses antes de necessitarem de ajustes. A imagem usada por George Green é a de um gravador que precisa de regulagem, pois podem aparecer falhas. Traduzindo essa comparação: a cópia, embora externamente convincente, apresentaria problemas de comportamento ou execução que exigiriam manutenção. O texto de Marshall não descreve um conserto biológico padronizado; fala em ajustes para manter o funcionamento.

George Green descreve supostos substitutos que precisariam de ajustes periódicos. A analogia usada

por ele é a de um aparelho eletrônico que apresenta falhas de gravação ou reprodução.

A história de mark 3 e mark 4: os clones independentes também pode ser vista do lado de quem seria afetado. Nem todas as pessoas descritas nos relatos teriam escolhido participar. Por isso entram em cena o conhecimento da própria situação, a liberdade de decisão e os interesses de quem controlaria os procedimentos. Mesmo quando o autor destaca máquinas e instalações, o efeito principal de sua narrativa recai sobre corpos, memórias, trajetórias pessoais e relações de poder.

A diferença entre Mark 3 e Mark 4

A diferença de objetivos explica a separação dos modelos. Para uma conversa noturna clandestina, o Mark 2 seria suficiente dentro do sistema narrado. Para uma agenda de governo, uma apresentação artística ou uma missão prolongada, seria necessário um corpo que agisse sem depender do ciclo de sono de outra pessoa. O Mark 3 e o Mark 4 são apresentados como resposta a esse problema operacional, com maior autonomia e maior possibilidade de substituição.

A quarta geração aparece como aprimoramento da terceira. Na narrativa, ambas seriam mais adequadas a compromissos e aparições públicas do que os modelos dependentes do sono REM.

Outra maneira de compreender esse trecho é imaginar o problema de organização enfrentado pelos supostos responsáveis. Cada utilização teria de atender a uma finalidade: reunir pessoas em segredo, ocupar o lugar de alguém, proteger um original ou manter uma imagem pública. Os modelos relatados por Marshall são apresentados como respostas diferentes a necessidades diferentes. Assim, a variedade de categorias não é simples mudança de nome, mas parte da lógica interna do seu sistema.

Por que o substituto independente importa

Num suposto sistema político ou artístico, um clone autônomo poderia cumprir uma agenda enquanto outra pessoa permanecesse distante. Essa possibilidade está no centro das acusações de substituição.

Para guardar o essencial deste capítulo, vale retornar a três perguntas: qual é a afirmação feita, qual é o nome dado ao processo e por que alguém teria interesse

nele? Essas perguntas ajudam a compreender mark 3 e mark 4: os clones independentes sem perder o enredo maior do livro. Elas também mostram a razão de os relatos tratarem a fabricação de cópias como assunto de poder, e não apenas como curiosidade biológica. O próximo capítulo acrescenta outro elemento dessa mesma narrativa.

Capítulo 9 — Os reanimados: a cópia de alguém que morreu

O assunto deste capítulo, em palavras simples

Além dos quatro modelos, Marshall menciona clones reanimados. 'Reanimar' significa devolver atividade àquilo que estava sem vida. No uso que o dossiê faz da palavra, não se trata de ressuscitar literalmente o corpo que morreu, mas de produzir um novo organismo geneticamente semelhante a uma pessoa falecida. A distinção é fundamental para entender o tema: um novo corpo não seria automaticamente a continuação das experiências, da memória ou da história do morto.

Marshall emprega a ideia de reanimated clones para falar de cópias de pessoas que já morreram. Não significa que o corpo morto voltaria a funcionar; a narrativa descreve outro corpo produzido a partir de material genético.

O primeiro cuidado para acompanhar os reanimados: a cópia de alguém que morreu é entender a ordem das informações. O documento conta uma sequência; o leitor não precisa decorar nomes estrangeiros para

percebê-la. Primeiro vem o problema que os autores apresentam. Depois aparecem os recursos que, segundo eles, seriam empregados. Por fim surgem os objetivos atribuídos ao sistema e os efeitos que ele provocaria sobre pessoas comuns. Essa ordem é o fio que conduz o capítulo.

DNA não é lembrança

O interesse dessa categoria seria evidente em situações nas quais a imagem de determinada pessoa conserva valor. Um líder histórico, um artista admirado ou alguém que ocupava uma posição estratégica poderia ser imaginado como modelo biológico. A narrativa de Marshall associa a ideia de reanimação às possibilidades de controle e manipulação de identidades. Ainda assim, falar de um clone de um falecido é diferente de afirmar que a própria pessoa voltou do mundo dos mortos.

O material genético pode conservar informações biológicas, mas não guarda automaticamente as memórias da vida que alguém viveu. Esse contraste ajuda a separar a aparência reproduzida da identidade pessoal.

Convém prestar atenção às expressões usadas pelas fontes. Uma palavra técnica pode ter um significado conhecido na ciência e outro mais amplo no relato clandestino. Ao explicar os dois sentidos, é possível acompanhar a história sem misturar processos diferentes. Aqui, a linguagem cotidiana funciona como uma tradução: em vez de esconder o assunto atrás do inglês, ela mostra quem estaria envolvido, o que estaria sendo feito e com qual finalidade.

Replicação e duplicação após a morte

O artigo 'Replication Cloning', publicado por Ingrid em 2026, amplia esse campo ao tratar da reprodução de indivíduos a partir de material genético preservado. A autora distingue a criança que começa uma nova vida de uma duplicata construída para reproduzir a aparência de uma idade já alcançada. Essa separação também ajuda a compreender o perigo moral discutido no livro: alguém poderia pretender tratar uma vida nova como se ela fosse propriedade de quem mandou produzi-la.

Na linguagem dos autores, seria possível imaginar tanto um novo indivíduo que cresce desde bebê quanto uma cópia artificialmente desenvolvida. Os dois caminhos teriam efeitos diferentes.

A história de os reanimados: a cópia de alguém que morreu também pode ser vista do lado de quem seria afetado. Nem todas as pessoas descritas nos relatos teriam escolhido participar. Por isso entram em cena o conhecimento da própria situação, a liberdade de decisão e os interesses de quem controlaria os procedimentos. Mesmo quando o autor destaca máquinas e instalações, o efeito principal de sua narrativa recai sobre corpos, memórias, trajetórias pessoais e relações de poder.

O valor simbólico de uma figura falecida

Sob uma perspectiva cristã, nenhum laboratório recebe, por deter DNA ou fabricar tecidos, o direito de possuir a alma, a dignidade ou as decisões de uma pessoa. Essa consideração será retomada no capítulo sobre a amálgama espiritual. Por enquanto, basta perceber que o nome reanimado carrega um impacto emocional forte e pode fazer o leitor confundir reprodução genética com retorno pessoal à vida.

A presença de alguém que se parece com uma personalidade histórica poderia produzir enorme impacto público. Por isso os relatos associam a clonagem a decisões de imagem e influência.

Outra maneira de compreender esse trecho é imaginar o problema de organização enfrentado pelos supostos responsáveis. Cada utilização teria de atender a uma finalidade: reunir pessoas em segredo, ocupar o lugar de alguém, proteger um original ou manter uma imagem pública. Os modelos relatados por Marshall são apresentados como respostas diferentes a necessidades diferentes. Assim, a variedade de categorias não é simples mudança de nome, mas parte da lógica interna do seu sistema.

O problema do reconhecimento

Um rosto conhecido não comprova que a pessoa original voltou. O conceito de clone reanimado exige compreender a diferença entre corpo semelhante e continuidade da vida anterior.

Para guardar o essencial deste capítulo, vale retornar a três perguntas: qual é a afirmação feita, qual é o nome dado ao processo e por que alguém teria interesse nele? Essas perguntas ajudam a compreender os reanimados: a cópia de alguém que morreu sem perder o enredo maior do livro. Elas também mostram a razão de os relatos tratarem a fabricação de cópias como assunto de poder, e não apenas como curiosidade

biológica. O próximo capítulo acrescenta outro elemento dessa mesma narrativa.

Capítulo 10 — Os defeitos, os erros e a manutenção

O assunto deste capítulo, em palavras simples

Todo sistema apresentado como industrial precisa lidar com suas falhas. Nos relatos de Marshall, os defeitos mais citados não são braços mecânicos quebrados ou peças trocadas, mas dificuldades de ligação, controle e comportamento. O Mark 1 seria problemático pelos efeitos colaterais. O Mark 2, embora aperfeiçoado, dependeria de uma condição específica de sono. Já o Mark 3 e o Mark 4 necessitariam de ajustes periódicos para continuar agindo de maneira convincente.

Os denunciantes falam de diferenças no rosto, mudanças de postura, dificuldade de coordenação ou variações no comportamento. Esses sinais são apresentados por eles como defeitos de cópias.

O primeiro cuidado para acompanhar os defeitos, os erros e a manutenção é entender a ordem das informações. O documento conta uma sequência; o leitor não precisa decorar nomes estrangeiros para

percebê-la. Primeiro vem o problema que os autores apresentam. Depois aparecem os recursos que, segundo eles, seriam empregados. Por fim surgem os objetivos atribuídos ao sistema e os efeitos que ele provocaria sobre pessoas comuns. Essa ordem é o fio que conduz o capítulo.

A expressão manutenção periódica

George Green afirmou que cópias independentes poderiam apresentar 'glitches', palavra inglesa usada para pequenas falhas ou interrupções inesperadas. Em linguagem comum, seria o momento em que algo não corresponde ao esperado: uma reação estranha, um desempenho abaixo do habitual ou dificuldade de manter determinado padrão. A fala foi apresentada como comparação com aparelhos que precisam ser regulados. Não constitui um exame médico realizado sobre uma pessoa identificada.

Green utiliza a imagem de uma máquina que precisa de revisão. No relato, determinados clones independentes exigiriam ajustes de seis em seis meses ou a cada ano.

Convém prestar atenção às expressões usadas pelas fontes. Uma palavra técnica pode ter um significado

conhecido na ciência e outro mais amplo no relato clandestino. Ao explicar os dois sentidos, é possível acompanhar a história sem misturar processos diferentes. Aqui, a linguagem cotidiana funciona como uma tradução: em vez de esconder o assunto atrás do inglês, ela mostra quem estaria envolvido, o que estaria sendo feito e com qual finalidade.

Erros de memória

Marshall e Ingrid mencionam diferenças físicas que, segundo eles, poderiam aparecer entre original e duplicado: mandíbula, olhos, orelhas, dentes e linhas do rosto. São características que chamariam a atenção de observadores atentos. Entretanto, fotografias mudam de aparência conforme luz, lente, idade, expressão e tratamento digital. O livro registra esses sinais como parte dos relatos, sem transformar uma comparação visual em identificação definitiva de um indivíduo.

Uma pessoa pode esquecer fatos por motivos cotidianos e médicos. Na narrativa sobre clones, lapsos são interpretados como falhas da reprodução mental. A interpretação não pode ser confundida com diagnóstico.

A história de os defeitos, os erros e a manutenção também pode ser vista do lado de quem seria afetado. Nem todas as pessoas descritas nos relatos teriam escolhido participar. Por isso entram em cena o conhecimento da própria situação, a liberdade de decisão e os interesses de quem controlaria os procedimentos. Mesmo quando o autor destaca máquinas e instalações, o efeito principal de sua narrativa recai sobre corpos, memórias, trajetórias pessoais e relações de poder.

Aspectos que chamariam atenção

Outro problema narrado é a lembrança do que teria ocorrido durante uma experiência REM. Marshall afirma que sistemas de supressão da memória impediriam algumas pessoas de recordar episódios. Supressão de memória significa enfraquecer ou impedir o acesso a determinadas lembranças. A memória humana depende de processos complexos do cérebro, especialmente da interação entre várias regiões. O dossiê coloca essa ideia numa escala de controle remoto. Desse modo, defeito, ajuste, esquecimento e comportamento inesperado tornam-se peças de uma mesma descrição: a tentativa de manter o controle contínuo sobre o duplicado.

O dossiê menciona orelhas, dentes, olhos, queixo e expressão como áreas observadas em fotografias. Iluminação, idade e ângulo também modificam a aparência de uma pessoa.

Outra maneira de compreender esse trecho é imaginar o problema de organização enfrentado pelos supostos responsáveis. Cada utilização teria de atender a uma finalidade: reunir pessoas em segredo, ocupar o lugar de alguém, proteger um original ou manter uma imagem pública. Os modelos relatados por Marshall são apresentados como respostas diferentes a necessidades diferentes. Assim, a variedade de categorias não é simples mudança de nome, mas parte da lógica interna do seu sistema.

O destino das cópias defeituosas

Quando uma operação depende de semelhança e desempenho, uma cópia defeituosa representaria risco para seus supostos controladores. O documento associa defeitos à busca de modelos cada vez mais estáveis.

Para guardar o essencial deste capítulo, vale retornar a três perguntas: qual é a afirmação feita, qual é o nome dado ao processo e por que alguém teria interesse

nele? Essas perguntas ajudam a compreender os defeitos, os erros e a manutenção sem perder o enredo maior do livro. Elas também mostram a razão de os relatos tratarem a fabricação de cópias como assunto de poder, e não apenas como curiosidade biológica. O próximo capítulo acrescenta outro elemento dessa mesma narrativa.

Capítulo 11 — O poder político e a figura do substituto

O assunto deste capítulo, em palavras simples

O uso político é uma das aplicações mais repetidas nesse conjunto de relatos. A ideia é que um dirigente poderia ser representado por uma cópia durante compromissos públicos ou reuniões confidenciais. No caso dos modelos independentes, o original não precisaria estar presente nem adormecido. Essa narrativa é apresentada por George Green em alegações sobre George W. Bush e aparece novamente em textos posteriores sobre figuras de governo.

Um dirigente exerce poder por decisões e também por aparições públicas. No relato, um substituto permitiria separar a presença visível do corpo original.

O primeiro cuidado para acompanhar o poder político e a figura do substituto é entender a ordem das informações. O documento conta uma sequência; o leitor não precisa decorar nomes estrangeiros para percebê-la. Primeiro vem o problema que os autores apresentam. Depois aparecem os recursos que,

segundo eles, seriam empregados. Por fim surgem os objetivos atribuídos ao sistema e os efeitos que ele provocaria sobre pessoas comuns. Essa ordem é o fio que conduz o capítulo.

Uma agenda impossível de acompanhar

Convém distinguir três situações. Na primeira, alguém utiliza um representante humano comum, como assessor, secretário ou porta-voz. Na segunda, uma pessoa se parece muito com outra e atua como dublê ou sósia. Na terceira, o relato de clonagem fala de um organismo geneticamente duplicado. Essas situações podem ser confundidas nas fotografias e nos boatos, mas são categorias diferentes. Para entender o que uma fonte afirma, é necessário reconhecer qual delas está sendo descrita.

Campanhas, viagens e encontros exigem deslocamentos constantes. A narrativa atribui aos clones a capacidade de multiplicar compromissos e proteger os dirigentes de determinadas exposições.

Convém prestar atenção às expressões usadas pelas fontes. Uma palavra técnica pode ter um significado conhecido na ciência e outro mais amplo no relato clandestino. Ao explicar os dois sentidos, é possível

acompanhar a história sem misturar processos diferentes. Aqui, a linguagem cotidiana funciona como uma tradução: em vez de esconder o assunto atrás do inglês, ela mostra quem estaria envolvido, o que estaria sendo feito e com qual finalidade.

O risco de alguém falar em nome de outro

Uma duplicata independente teria, segundo a narrativa, vantagens para operações que exigissem segurança, presença simultânea em lugares diferentes ou distância física entre quem toma decisões e quem aparece diante das câmeras. Um clone dependente do sono, por outro lado, serviria a reuniões reservadas. A história acrescenta um aspecto perturbador: se a cópia pudesse atuar como autoridade, quem responderia pelas decisões tomadas em seu nome? Esse é um dos dilemas centrais da duplicação política.

Se duas figuras com a mesma aparência tomassem decisões diferentes, surgiria um problema de responsabilidade. Essa é uma das preocupações políticas que o tema levanta.

A história de o poder político e a figura do substituto também pode ser vista do lado de quem seria afetado.

Nem todas as pessoas descritas nos relatos teriam escolhido participar. Por isso entram em cena o conhecimento da própria situação, a liberdade de decisão e os interesses de quem controlaria os procedimentos. Mesmo quando o autor destaca máquinas e instalações, o efeito principal de sua narrativa recai sobre corpos, memórias, trajetórias pessoais e relações de poder.

George W. Bush no relato de Green

Marshall reúne diversas acusações envolvendo pessoas famosas. Este livro não toma a simples mudança de aparência, discurso ou comportamento de uma autoridade como demonstração de substituição. Seu interesse é explicar a função política que as fontes atribuem às cópias: esconder deslocamentos, manter personagens em circulação e concentrar poder sobre a identidade alheia. A força da narrativa está na ideia de que controlar a imagem pública seria tão importante quanto controlar o corpo.

Green citou Bush e convidou seu público a comparar vídeos de diferentes períodos. A comparação integra a acusação dele, não um exame genético documentado.

Outra maneira de compreender esse trecho é imaginar o problema de organização enfrentado pelos supostos responsáveis. Cada utilização teria de atender a uma finalidade: reunir pessoas em segredo, ocupar o lugar de alguém, proteger um original ou manter uma imagem pública. Os modelos relatados por Marshall são apresentados como respostas diferentes a necessidades diferentes. Assim, a variedade de categorias não é simples mudança de nome, mas parte da lógica interna do seu sistema.

O que seria uma substituição bem-sucedida

Para que um substituto público fosse convincente, não bastaria parecer igual: teria de conhecer pessoas, compromissos e modos de falar. Essa exigência explica por que a narrativa enfatiza memória e comportamento.

Para guardar o essencial deste capítulo, vale retornar a três perguntas: qual é a afirmação feita, qual é o nome dado ao processo e por que alguém teria interesse nele? Essas perguntas ajudam a compreender o poder político e a figura do substituto sem perder o enredo maior do livro. Elas também mostram a razão de os relatos tratarem a fabricação de cópias como assunto

de poder, e não apenas como curiosidade biológica. O próximo capítulo acrescenta outro elemento dessa mesma narrativa.

Capítulo 12 — Uso militar: missões, segredo e exposição ao perigo

O assunto deste capítulo, em palavras simples

A dimensão militar aparece no dossiê por meio de referências a instalações subterrâneas, projetos secretos, órgãos de inteligência e tecnologias reservadas. Marshall emprega a sigla DUMB, formada em inglês por Deep Underground Military Base, ou base militar subterrânea profunda. Seu relato apresenta lugares desse tipo como possíveis centros de fabricação, armazenamento ou uso de clones. Ele menciona também instalações acima do solo, em regiões afastadas e vigiadas.

As narrativas atribuem à clonagem aplicações em missões perigosas, encontros reservados e proteção de pessoas estratégicas. O objetivo imaginado é reduzir a exposição do original.

O primeiro cuidado para acompanhar uso militar: missões, segredo e exposição ao perigo é entender a ordem das informações. O documento conta uma

sequência; o leitor não precisa decorar nomes estrangeiros para percebê-la. Primeiro vem o problema que os autores apresentam. Depois aparecem os recursos que, segundo eles, seriam empregados. Por fim surgem os objetivos atribuídos ao sistema e os efeitos que ele provocaria sobre pessoas comuns. Essa ordem é o fio que conduz o capítulo.

Sigilo e compartimentação

A aplicação militar mais fácil de compreender dentro da narrativa é substituir o corpo exposto ao risco. Se uma missão fosse considerada perigosa, a existência de uma duplicata permitiria imaginar a proteção do indivíduo original. Outras funções relatadas ou sugeridas pelo sistema seriam entrar em locais restritos, participar de encontros secretos, manter determinada aparência de autoridade e realizar atividades sem revelar a identidade de quem ordenou a ação. Essas são finalidades atribuídas ao cenário descrito, não operações militares comprovadas por registros de serviço.

Operações militares costumam limitar informações ao pessoal que precisa conhecê-las. Os relatos transportam essa lógica para supostos centros separados do conhecimento público.

Convém prestar atenção às expressões usadas pelas fontes. Uma palavra técnica pode ter um significado conhecido na ciência e outro mais amplo no relato clandestino. Ao explicar os dois sentidos, é possível acompanhar a história sem misturar processos diferentes. Aqui, a linguagem cotidiana funciona como uma tradução: em vez de esconder o assunto atrás do inglês, ela mostra quem estaria envolvido, o que estaria sendo feito e com qual finalidade.

O significado de DUMB

No campo militar real, também existem tecnologias cujo vocabulário se aproxima do tema, como próteses controladas por sinais nervosos, robôs teleoperados e simulações de presença remota. Teleoperação significa comandar algo a distância. Um robô pode se mover por ordens recebidas de uma pessoa, mas não é um corpo humano clonado. A comparação ajuda o leitor a entender por que a narrativa de Marshall procura combinar biologia com controle: ela descreve um organismo que substituiria a máquina visível, mantendo aparência humana.

DUMB é a sigla inglesa usada nesses textos para bases militares subterrâneas profundas. Não se deve

confundir a existência de instalações subterrâneas reais com a presença comprovada de clonagem nelas.

A história de uso militar: missões, segredo e exposição ao perigo também pode ser vista do lado de quem seria afetado. Nem todas as pessoas descritas nos relatos teriam escolhido participar. Por isso entram em cena o conhecimento da própria situação, a liberdade de decisão e os interesses de quem controlaria os procedimentos. Mesmo quando o autor destaca máquinas e instalações, o efeito principal de sua narrativa recai sobre corpos, memórias, trajetórias pessoais e relações de poder.

Corpos em tarefas de risco

Outra questão importante é a cadeia de comando. Uma ação militar envolve ordens, responsabilidades e autorização. Se um corpo fosse produzido para obedecer a terceiros, surgiria uma forma extrema de tratar a pessoa como instrumento. O problema moral não desapareceria com a perfeição da tecnologia; ao contrário, seria agravado. Mesmo numa narrativa de espionagem e segredo, a pergunta decisiva continua sendo quem exerce o comando e quem suporta as consequências.

A ideia de substituir soldados por duplicatas altera o problema moral de uma missão: quem sofreria a consequência e quem decidiria em nome de quem? O documento apresenta esse uso como parte da lógica de controle.

Outra maneira de compreender esse trecho é imaginar o problema de organização enfrentado pelos supostos responsáveis. Cada utilização teria de atender a uma finalidade: reunir pessoas em segredo, ocupar o lugar de alguém, proteger um original ou manter uma imagem pública. Os modelos relatados por Marshall são apresentados como respostas diferentes a necessidades diferentes. Assim, a variedade de categorias não é simples mudança de nome, mas parte da lógica interna do seu sistema.

O custo humano do segredo

Mesmo quando uma operação é descrita como secreta, as perguntas sobre consentimento, abuso e dignidade continuam presentes. O livro trata os alegados clones como pessoas, não como peças descartáveis.

Para guardar o essencial deste capítulo, vale retornar a três perguntas: qual é a afirmação feita, qual é o nome dado ao processo e por que alguém teria interesse

nele? Essas perguntas ajudam a compreender uso militar: missões, segredo e exposição ao perigo sem perder o enredo maior do livro. Elas também mostram a razão de os relatos tratarem a fabricação de cópias como assunto de poder, e não apenas como curiosidade biológica. O próximo capítulo acrescenta outro elemento dessa mesma narrativa.

Capítulo 13 — Cantores, atores, celebridades e a indústria da imagem

O assunto deste capítulo, em palavras simples

No universo artístico, a identidade pública é construída com rosto, voz, gestos, roupas e presença diante das câmeras. É por isso que artistas e celebridades aparecem frequentemente nos relatos de clones. Marshall menciona episódios envolvendo nomes conhecidos do entretenimento, enquanto Ingrid reúne histórias e comparações circuladas em vídeos e textos. O tema desperta curiosidade porque o público acompanha a aparência de seus ídolos ao longo de muitos anos.

Cantores e atores dependem de presença pública, aparência e reconhecimento. O relato sugere que cópias permitiriam cumprir apresentações e compromissos em horários incompatíveis.

O primeiro cuidado para acompanhar cantores, atores, celebridades e a indústria da imagem é entender a ordem das informações. O documento conta uma

sequência; o leitor não precisa decorar nomes estrangeiros para percebê-la. Primeiro vem o problema que os autores apresentam. Depois aparecem os recursos que, segundo eles, seriam empregados. Por fim surgem os objetivos atribuídos ao sistema e os efeitos que ele provocaria sobre pessoas comuns. Essa ordem é o fio que conduz o capítulo.

O corpo que vira marca

A função atribuída aos substitutos seria manter compromissos, aparecer em determinados locais ou participar de encontros sem a presença do artista original. O modelo independente teria utilidade diferente do clone REM: poderia permanecer ativo durante uma apresentação ou gravação, ao passo que o corpo ligado ao sono estaria associado a atividades noturnas ou reservadas. Essa distinção organiza os objetivos atribuídos aos modelos sem exigir que qualquer artista específico seja classificado como clone.

Uma celebridade pode ser identificada pela voz, pelo rosto e por trejeitos específicos. A hipótese de uma cópia comercial explora justamente esse reconhecimento.

Convém prestar atenção às expressões usadas pelas fontes. Uma palavra técnica pode ter um significado conhecido na ciência e outro mais amplo no relato clandestino. Ao explicar os dois sentidos, é possível acompanhar a história sem misturar processos diferentes. Aqui, a linguagem cotidiana funciona como uma tradução: em vez de esconder o assunto atrás do inglês, ela mostra quem estaria envolvido, o que estaria sendo feito e com qual finalidade.

Britney Spears nos arquivos

A indústria do entretenimento já conhece recursos reais capazes de produzir impressões de duplicação: dublês, imitadores, maquiagem, edição de vídeo, sintetização de voz e imagens digitais. Isso torna especialmente importante não misturar um efeito visual comprovado com uma afirmação biológica extraordinária. Em vez de usar uma foto isolada como conclusão, uma investigação séria acompanha datas, gravações originais e o contexto de cada aparição.

Marshall utiliza materiais visuais e referências a Britney Spears em seu documento. Tais materiais revelam o alcance de suas alegações, mas não equivalem a perícias genéticas.

A história de cantores, atores, celebridades e a indústria da imagem também pode ser vista do lado de quem seria afetado. Nem todas as pessoas descritas nos relatos teriam escolhido participar. Por isso entram em cena o conhecimento da própria situação, a liberdade de decisão e os interesses de quem controlaria os procedimentos. Mesmo quando o autor destaca máquinas e instalações, o efeito principal de sua narrativa recai sobre corpos, memórias, trajetórias pessoais e relações de poder.

A diferença entre performance e identidade

O ponto mais profundo é que o rosto de uma celebridade se transforma em mercadoria. Se alguém controla a imagem, as gravações e a agenda pública de um artista, já exerce grande influência sobre sua carreira. O relato da clonagem leva essa lógica ao extremo ao imaginar o controle do próprio corpo. A denúncia, portanto, fala ao mesmo tempo de tecnologia, dinheiro, fama e da perda de liberdade de quem se tornou conhecido.

Um imitador pode reproduzir gestos; uma edição de vídeo pode modificar um rosto. No discurso sobre

clones, essas semelhanças são tomadas como indícios de substituição.

Outra maneira de compreender esse trecho é imaginar o problema de organização enfrentado pelos supostos responsáveis. Cada utilização teria de atender a uma finalidade: reunir pessoas em segredo, ocupar o lugar de alguém, proteger um original ou manter uma imagem pública. Os modelos relatados por Marshall são apresentados como respostas diferentes a necessidades diferentes. Assim, a variedade de categorias não é simples mudança de nome, mas parte da lógica interna do seu sistema.

Por que fãs percebem detalhes

Pessoas que acompanham uma personalidade por anos notam pequenas mudanças. Esse olhar pode levantar perguntas legítimas, embora não baste para estabelecer uma causa extraordinária.

Para guardar o essencial deste capítulo, vale retornar a três perguntas: qual é a afirmação feita, qual é o nome dado ao processo e por que alguém teria interesse nele? Essas perguntas ajudam a compreender cantores, atores, celebridades e a indústria da imagem sem perder o enredo maior do livro. Elas também mostram

a razão de os relatos tratarem a fabricação de cópias como assunto de poder, e não apenas como curiosidade biológica. O próximo capítulo acrescenta outro elemento dessa mesma narrativa.

Capítulo 14 — Laboratórios, clínicas e o destino das amostras

O assunto deste capítulo, em palavras simples

A descrição de Marshall dá grande importância aos lugares por onde passam amostras biológicas. Um consultório, um hospital ou um laboratório são ambientes nos quais tecidos, sangue e células podem ser coletados por razões legítimas. O que preocupa o narrador é o possível desvio do material para outras finalidades. Em sua própria história, uma cirurgia infantil aparece como ponto de origem da alegada produção de duplicatas.

Coletar, registrar, armazenar e encaminhar material biológico são etapas distintas. O documento de Marshall faz do acesso às células a primeira condição da alegada clonagem.

O primeiro cuidado para acompanhar laboratórios, clínicas e o destino das amostras é entender a ordem das informações. O documento conta uma sequência; o leitor não precisa decorar nomes estrangeiros para percebê-la. Primeiro vem o problema que os autores

apresentam. Depois aparecem os recursos que, segundo eles, seriam empregados. Por fim surgem os objetivos atribuídos ao sistema e os efeitos que ele provocaria sobre pessoas comuns. Essa ordem é o fio que conduz o capítulo.

A aparência de um laboratório

Na medicina contemporânea, existem bancos de sangue, bancos de tecidos, biobancos de pesquisa e laboratórios de genética. Esses estabelecimentos possuem funções diferentes. Biobanco é uma coleção organizada de material biológico, mantida segundo regras de identificação, armazenamento e pesquisa. A existência dessas estruturas é real e não significa, por si só, produção de clones humanos. O cenário descrito por Marshall imagina que redes clandestinas se aproveitariam de materiais disponíveis nessas rotinas.

Um laboratório pode reunir recipientes, equipamentos, registros e pessoas de diversas especialidades. A narrativa dos tanques se apropria dessa linguagem para descrever estruturas clandestinas.

Convém prestar atenção às expressões usadas pelas fontes. Uma palavra técnica pode ter um significado conhecido na ciência e outro mais amplo no relato

clandestino. Ao explicar os dois sentidos, é possível acompanhar a história sem misturar processos diferentes. Aqui, a linguagem cotidiana funciona como uma tradução: em vez de esconder o assunto atrás do inglês, ela mostra quem estaria envolvido, o que estaria sendo feito e com qual finalidade.

Clínicas e consentimento

Essa distinção torna a questão ética compreensível para qualquer leitor. Uma pessoa pode consentir em doar sangue para um exame, mas não consentir em usos desconhecidos de sua amostra. O controle de dados genéticos e materiais biológicos deve respeitar autorização, privacidade e finalidade. O tema não exige conhecer as máquinas de um laboratório: basta compreender que parte do corpo de alguém não deve ser tratada como propriedade irrestrita de terceiros.

Em procedimentos médicos reais, o uso de tecido humano depende de regras e autorizações. A preocupação com coleta indevida existe independentemente da clonagem rápida.

A história de laboratórios, clínicas e o destino das amostras também pode ser vista do lado de quem seria afetado. Nem todas as pessoas descritas nos relatos

teriam escolhido participar. Por isso entram em cena o conhecimento da própria situação, a liberdade de decisão e os interesses de quem controlaria os procedimentos. Mesmo quando o autor destaca máquinas e instalações, o efeito principal de sua narrativa recai sobre corpos, memórias, trajetórias pessoais e relações de poder.

O lugar descrito no Canadá

Os relatos sobre instalações secretas acrescentam tanques, áreas de armazenamento, equipes técnicas, segurança e transporte. São elementos apresentados como parte da organização operacional. Ao reuni-los, o livro mostra que a clonagem rápida, na versão de Marshall, não seria obra de uma única pessoa escondida numa sala. Ela pressuporia uma estrutura ampla, com seleção de indivíduos, acesso a material biológico, produção e administração dos corpos resultantes.

Marshall menciona uma região da Colúmbia Britânica e associa a narrativa a estruturas de vigilância. O livro apresenta a localização como parte de seu testemunho.

Outra maneira de compreender esse trecho é imaginar o problema de organização enfrentado pelos supostos

responsáveis. Cada utilização teria de atender a uma finalidade: reunir pessoas em segredo, ocupar o lugar de alguém, proteger um original ou manter uma imagem pública. Os modelos relatados por Marshall são apresentados como respostas diferentes a necessidades diferentes. Assim, a variedade de categorias não é simples mudança de nome, mas parte da lógica interna do seu sistema.

Da amostra ao suposto produto final

Na sequência relatada, o material sai do ambiente de coleta e chegaria ao espaço de crescimento artificial. A passagem ajuda o leitor a entender a divisão de funções imaginada pelos autores.

Para guardar o essencial deste capítulo, vale retornar a três perguntas: qual é a afirmação feita, qual é o nome dado ao processo e por que alguém teria interesse nele? Essas perguntas ajudam a compreender laboratórios, clínicas e o destino das amostras sem perder o enredo maior do livro. Elas também mostram a razão de os relatos tratarem a fabricação de cópias como assunto de poder, e não apenas como curiosidade biológica. O próximo capítulo acrescenta outro elemento dessa mesma narrativa.

Capítulo 15 — O sono REM e a sensação de estar em outro corpo

O assunto deste capítulo, em palavras simples

Dormir não é simplesmente desligar o cérebro. Durante a noite, o sono atravessa estágios diferentes. Uma dessas fases é chamada REM, em referência aos movimentos rápidos dos olhos. Nela são frequentes sonhos intensos, e muitos músculos apresentam uma redução normal de atividade. Essa informação ajuda a entender por que Marshall escolhe o sono como peça central de sua narrativa: o corpo está em repouso, enquanto a experiência mental continua.

O sono alterna fases ao longo de várias horas. O estágio REM é apenas uma delas. Essa informação básica explica por que a narrativa de Marshall se concentra em determinado momento.

O primeiro cuidado para acompanhar o sono rem e a sensação de estar em outro corpo é entender a ordem das informações. O documento conta uma sequência; o leitor não precisa decorar nomes estrangeiros para percebê-la. Primeiro vem o problema que os autores

apresentam. Depois aparecem os recursos que, segundo eles, seriam empregados. Por fim surgem os objetivos atribuídos ao sistema e os efeitos que ele provocaria sobre pessoas comuns. Essa ordem é o fio que conduz o capítulo.

Uma experiência vívida não é um deslocamento

O dossiê descreve uma ligação que permitiria ao original vivenciar os sentidos de outro corpo. A ideia se aproxima, em sua linguagem, de temas estudados por pesquisadores da percepção corporal. Em 2008, Valeria Petkova e Henrik Ehrsson publicaram experimentos sobre a ilusão de possuir um corpo diferente. Com estímulos visuais e táteis coordenados, participantes podiam sentir que um corpo observado pertencia a eles. A pesquisa ajuda a explicar como a percepção de si pode ser alterada, embora não seja um experimento com clones ou uma transferência física de consciência.

Sonhos podem parecer reais e envolver lugares, vozes e sensações. Marshall interpreta certas experiências como contato com outro corpo, mas essa é sua descrição pessoal.

Convém prestar atenção às expressões usadas pelas fontes. Uma palavra técnica pode ter um significado conhecido na ciência e outro mais amplo no relato clandestino. Ao explicar os dois sentidos, é possível acompanhar a história sem misturar processos diferentes. Aqui, a linguagem cotidiana funciona como uma tradução: em vez de esconder o assunto atrás do inglês, ela mostra quem estaria envolvido, o que estaria sendo feito e com qual finalidade.

A ilusão de troca de corpo

Marshall amplia a noção de percepção para falar de experiências nas quais alguém despertaria num centro de clonagem, caminharia com outro corpo e depois retornaria ao seu próprio. O uso da palavra 'despertar' tem, portanto, dois sentidos: acordar na cama e começar a agir dentro da duplicata. É uma narrativa em que a noite seria usada como intervalo de atividade secreta, enquanto o dia esconderia aquilo que ocorreu.

Pesquisas de percepção corporal mostraram que informações visuais e táteis podem alterar temporariamente a sensação de pertencimento. Isso permite explicar o conceito de ilusão corporal.

A história de o sono rem e a sensação de estar em outro corpo também pode ser vista do lado de quem seria afetado. Nem todas as pessoas descritas nos relatos teriam escolhido participar. Por isso entram em cena o conhecimento da própria situação, a liberdade de decisão e os interesses de quem controlaria os procedimentos. Mesmo quando o autor destaca máquinas e instalações, o efeito principal de sua narrativa recai sobre corpos, memórias, trajetórias pessoais e relações de poder.

Como o relato descreve a ativação

A memória ocupa lugar decisivo nessa história. Marshall afirma que poderia passar longos períodos sem recordar os episódios. Em termos simples, lembrar depende de o cérebro registrar, conservar e recuperar uma experiência. Uma pessoa pode esquecer sonhos sem que isso indique intervenção externa. No dossiê, porém, o esquecimento é associado a sistemas de bloqueio. O leitor precisa distinguir o fenômeno comum de esquecer sonhos da alegação específica de supressão deliberada da memória por uma organização.

Marshall menciona sinais luminosos e a entrada na fase REM como parte do acompanhamento dos corpos. São detalhes operacionais de sua narrativa.

Outra maneira de compreender esse trecho é imaginar o problema de organização enfrentado pelos supostos responsáveis. Cada utilização teria de atender a uma finalidade: reunir pessoas em segredo, ocupar o lugar de alguém, proteger um original ou manter uma imagem pública. Os modelos relatados por Marshall são apresentados como respostas diferentes a necessidades diferentes. Assim, a variedade de categorias não é simples mudança de nome, mas parte da lógica interna do seu sistema.

A pessoa ao acordar

O documento descreve lembranças, sofrimento e dúvidas sobre a experiência noturna. O leitor pode compreender a força do testemunho sem tratar percepção subjetiva como prova automática de transferência.

Para guardar o essencial deste capítulo, vale retornar a três perguntas: qual é a afirmação feita, qual é o nome dado ao processo e por que alguém teria interesse nele? Essas perguntas ajudam a compreender o sono

rem e a sensação de estar em outro corpo sem perder o enredo maior do livro. Elas também mostram a razão de os relatos tratarem a fabricação de cópias como assunto de poder, e não apenas como curiosidade biológica. O próximo capítulo acrescenta outro elemento dessa mesma narrativa.

Capítulo 16 — Microchips, inteligência artificial e a cópia mental

O assunto deste capítulo, em palavras simples

Um microchip é um circuito eletrônico minúsculo. Ele pode existir num telefone, num cartão, num equipamento médico ou num computador. Alguns chips armazenam informações; outros ajudam a processá-las. Há ainda dispositivos que se comunicam por rádio, como certos sistemas RFID. RFID significa identificação por radiofrequência: etiquetas ou dispositivos podem ser identificados por sinais de rádio em determinadas condições. A tecnologia real tem aplicações em estoque, identificação e rastreamento de objetos.

Microchips são circuitos usados em celulares, cartões, computadores e aparelhos médicos. Eles processam sinais, mas não equivalem por si só à consciência humana.

O primeiro cuidado para acompanhar microchips, inteligência artificial e a cópia mental é entender a

ordem das informações. O documento conta uma sequência; o leitor não precisa decorar nomes estrangeiros para percebê-la. Primeiro vem o problema que os autores apresentam. Depois aparecem os recursos que, segundo eles, seriam empregados. Por fim surgem os objetivos atribuídos ao sistema e os efeitos que ele provocaria sobre pessoas comuns. Essa ordem é o fio que conduz o capítulo.

A cópia mental segundo o dossiê

Marshall afirma que os clones independentes carregariam chips com uma versão da consciência do original. Essa expressão envolve muito mais do que guardar uma fotografia ou gravar uma voz. Seria preciso reproduzir lembranças, hábitos, decisões e padrões de resposta. No texto, o chip funciona como a peça que permitiria ao Mark 3 e ao Mark 4 agir sem depender do sono de outra pessoa. Trata-se da função atribuída ao dispositivo na denúncia.

Marshall atribui aos modelos independentes uma estrutura capaz de conservar lembranças e comportamentos. Essa é a função descrita para o componente eletrônico no sistema alegado.

Convém prestar atenção às expressões usadas pelas fontes. Uma palavra técnica pode ter um significado conhecido na ciência e outro mais amplo no relato clandestino. Ao explicar os dois sentidos, é possível acompanhar a história sem misturar processos diferentes. Aqui, a linguagem cotidiana funciona como uma tradução: em vez de esconder o assunto atrás do inglês, ela mostra quem estaria envolvido, o que estaria sendo feito e com qual finalidade.

RFID não é leitura de pensamentos

A inteligência artificial, por sua vez, é o nome dado a sistemas computacionais capazes de realizar tarefas relacionadas à linguagem, percepção, previsão ou decisão. Um programa pode imitar a voz de alguém ou responder como determinado personagem. Isso não demonstra que possua a consciência da pessoa imitada. A comparação, porém, ajuda a perceber por que o tema da clonagem independente desperta interesse: uma cópia convincente teria de combinar aparência física e comportamento.

Identificação por radiofrequência permite reconhecer objetos e transmitir pequenos dados. Sua existência é real, mas isso é diferente de copiar a mente de uma pessoa.

A história de microchips, inteligência artificial e a cópia mental também pode ser vista do lado de quem seria afetado. Nem todas as pessoas descritas nos relatos teriam escolhido participar. Por isso entram em cena o conhecimento da própria situação, a liberdade de decisão e os interesses de quem controlaria os procedimentos. Mesmo quando o autor destaca máquinas e instalações, o efeito principal de sua narrativa recai sobre corpos, memórias, trajetórias pessoais e relações de poder.

Memória, decisão e personalidade

Outra expressão do dossiê é MKUltra, nome de um programa histórico de pesquisas e operações da CIA que incluiu experiências com drogas e métodos de influência psicológica. Sua existência está documentada. Marshall reúne essa história com alegações de tecnologias posteriores de controle mental. O livro conserva a diferença entre o programa histórico e as capacidades adicionais atribuídas a projetos secretos. O que aproxima os assuntos é o tema do poder sobre a vontade de outra pessoa.

Recordar um endereço não é o mesmo que ter uma história emocional. A narrativa dos clones exige

distinguir armazenamento de informação e experiência consciente.

Outra maneira de compreender esse trecho é imaginar o problema de organização enfrentado pelos supostos responsáveis. Cada utilização teria de atender a uma finalidade: reunir pessoas em segredo, ocupar o lugar de alguém, proteger um original ou manter uma imagem pública. Os modelos relatados por Marshall são apresentados como respostas diferentes a necessidades diferentes. Assim, a variedade de categorias não é simples mudança de nome, mas parte da lógica interna do seu sistema.

Quando a máquina precisaria de revisão

O motivo da manutenção periódica aparece novamente nos relatos. Ao comparar supostos clones com aparelhos, Green explica falhas como problemas de funcionamento do sistema.

Para guardar o essencial deste capítulo, vale retornar a três perguntas: qual é a afirmação feita, qual é o nome dado ao processo e por que alguém teria interesse nele? Essas perguntas ajudam a compreender microchips, inteligência artificial e a cópia mental sem perder o enredo maior do livro. Elas também mostram

a razão de os relatos tratarem a fabricação de cópias como assunto de poder, e não apenas como curiosidade biológica. O próximo capítulo acrescenta outro elemento dessa mesma narrativa.

Capítulo 17 — O nome bíblico dos seres espirituais

O assunto deste capítulo, em palavras simples

Nas narrativas alternativas sobre instalações secretas, certas fontes introduzem seres não humanos ou visitantes de outros mundos. Este livro adota outra leitura religiosa para essas figuras: quando a tradição bíblica fala de entidades espirituais hostis a Deus, utiliza expressões como demônios, espíritos imundos e anjos que pecaram. Essa escolha é uma interpretação teológica do material, não uma identificação obtida por exame físico dessas entidades.

A Bíblia utiliza expressões como anjos caídos e espíritos imundos em diferentes passagens. Nesta obra, a interpretação espiritual é apresentada a partir dessa linguagem, e não por termos de ficção científica.

O primeiro cuidado para acompanhar o nome bíblico dos seres espirituais é entender a ordem das informações. O documento conta uma sequência; o leitor não precisa decorar nomes estrangeiros para percebê-la. Primeiro vem o problema que os autores

apresentam. Depois aparecem os recursos que, segundo eles, seriam empregados. Por fim surgem os objetivos atribuídos ao sistema e os efeitos que ele provocaria sobre pessoas comuns. Essa ordem é o fio que conduz o capítulo.

O que significa demônio

O Novo Testamento apresenta espíritos imundos como forças que buscam dominar, enganar ou atormentar seres humanos. Em Marcos 5, por exemplo, uma narrativa de libertação mostra Jesus diante de um homem submetido a forças espirituais destrutivas. Em 2 Pedro 2:4 e Judas 6 aparecem referências a anjos que pecaram ou abandonaram sua posição. Em Apocalipse 12, a linguagem simbólica descreve o conflito entre o dragão, seus anjos e as forças celestiais. Esses textos pertencem à tradição interpretativa cristã sobre a rebelião espiritual.

Na tradição cristã aqui adotada, demônios são seres espirituais rebeldes, opostos à vontade de Deus. A palavra designa uma categoria religiosa, não uma espécie de criatura de laboratório.

Convém prestar atenção às expressões usadas pelas fontes. Uma palavra técnica pode ter um significado

conhecido na ciência e outro mais amplo no relato clandestino. Ao explicar os dois sentidos, é possível acompanhar a história sem misturar processos diferentes. Aqui, a linguagem cotidiana funciona como uma tradução: em vez de esconder o assunto atrás do inglês, ela mostra quem estaria envolvido, o que estaria sendo feito e com qual finalidade.

A pretensão de imitar a criação

A expressão 'amálgama proibida', aqui escrita sem qualquer pretensão de ser um termo científico, indica a tentativa de misturar manipulação de corpos, ambição humana e influência espiritual para tomar para si um poder que pertence ao Criador. Nessa leitura, os demônios não seriam autores de vida no mesmo sentido de Deus: agiriam por imitação, distorção e exploração daquilo que já existe. A denúncia deixa de ser apenas um problema de máquinas e passa a tratar também do desejo de possuir a vontade de outro ser.

O subtítulo A Amálgama Proibida aponta para a tentativa de juntar matéria, poder e domínio sobre a vida. Essa é uma leitura teológica do impulso humano de controlar a própria existência.

A história de o nome bíblico dos seres espirituais também pode ser vista do lado de quem seria afetado. Nem todas as pessoas descritas nos relatos teriam escolhido participar. Por isso entram em cena o conhecimento da própria situação, a liberdade de decisão e os interesses de quem controlaria os procedimentos. Mesmo quando o autor destaca máquinas e instalações, o efeito principal de sua narrativa recai sobre corpos, memórias, trajetórias pessoais e relações de poder.

O cuidado com as pessoas

A Bíblia não apresenta uma descrição de tanques de clonagem, modelos Mark ou microchips de consciência. Esses termos vêm dos relatos modernos examinados nesta obra. O vínculo com os anjos caídos é feito na interpretação religiosa do sentido moral e espiritual da dominação. A distinção permite que o leitor compreenda tanto o conteúdo das denúncias quanto a leitura bíblica adotada pelo livro, sem confundir passagem sagrada com relatório tecnológico.

Não se deve confundir a condenação moral de uma forma de domínio com a dignidade de alguém que

possa ter sido produzido artificialmente. A pessoa merece consideração independente de sua origem.

Outra maneira de compreender esse trecho é imaginar o problema de organização enfrentado pelos supostos responsáveis. Cada utilização teria de atender a uma finalidade: reunir pessoas em segredo, ocupar o lugar de alguém, proteger um original ou manter uma imagem pública. Os modelos relatados por Marshall são apresentados como respostas diferentes a necessidades diferentes. Assim, a variedade de categorias não é simples mudança de nome, mas parte da lógica interna do seu sistema.

A Bíblia e a responsabilidade

Textos como Judas 6 e Apocalipse 12 pertencem à reflexão sobre rebeldia espiritual. A aplicação desses textos à clonagem moderna é uma interpretação religiosa do autor do livro.

Para guardar o essencial deste capítulo, vale retornar a três perguntas: qual é a afirmação feita, qual é o nome dado ao processo e por que alguém teria interesse nele? Essas perguntas ajudam a compreender o nome bíblico dos seres espirituais sem perder o enredo maior do livro. Elas também mostram a razão de os relatos

tratarem a fabricação de cópias como assunto de poder, e não apenas como curiosidade biológica. O próximo capítulo acrescenta outro elemento dessa mesma narrativa.

Capítulo 18 — A vida pertence ao Criador

O assunto deste capítulo, em palavras simples

A afirmação bíblica de que Deus é o Criador não depende do grau de avanço alcançado por laboratórios. Em Gênesis, a vida humana aparece como parte da criação divina e o ser humano é descrito como portador de dignidade especial. Dessa perspectiva, nenhum governo, organização ou laboratório possui uma pessoa simplesmente porque financiou um procedimento ou detém seu material genético. O valor humano não começa no contrato de produção nem termina numa falha técnica.

Na leitura bíblica proposta, Deus é a fonte da vida. Manipular células ou aparelhos não equivale a conquistar a autoridade moral do Criador.

O primeiro cuidado para acompanhar a vida pertence ao criador é entender a ordem das informações. O documento conta uma sequência; o leitor não precisa decorar nomes estrangeiros para percebê-la. Primeiro vem o problema que os autores apresentam. Depois

aparecem os recursos que, segundo eles, seriam empregados. Por fim surgem os objetivos atribuídos ao sistema e os efeitos que ele provocaria sobre pessoas comuns. Essa ordem é o fio que conduz o capítulo.

O que seria a amálgama

Mesmo na narrativa mais radical de corpos artificiais, surge uma pergunta moral: se um indivíduo demonstra consciência, capacidade de escolher, perceber consequências e agir responsavelmente, como deve ser tratado? O ponto de vista cristão apresentado nesta obra é que a origem do corpo não autorizaria a escravidão de uma consciência. Um ser consciente que buscasse a Deus não deveria ser condenado automaticamente por circunstâncias que não escolheu.

A palavra designa mistura. No livro, ela reúne material biológico, técnica, interesses de poder e a interpretação de uma influência espiritual maligna.

Convém prestar atenção às expressões usadas pelas fontes. Uma palavra técnica pode ter um significado conhecido na ciência e outro mais amplo no relato clandestino. Ao explicar os dois sentidos, é possível acompanhar a história sem misturar processos

diferentes. Aqui, a linguagem cotidiana funciona como uma tradução: em vez de esconder o assunto atrás do inglês, ela mostra quem estaria envolvido, o que estaria sendo feito e com qual finalidade.

O poder não elimina a responsabilidade

A fé cristã ensina que a relação com Deus envolve resposta pessoal, arrependimento e confiança no Criador. Assim, dentro do cenário discutido, a possibilidade de uma pessoa consciente voltar-se para Deus permanece aberta como questão espiritual. Não é necessário transformar isso no assunto principal da investigação; basta impedir que o tema tecnológico apague a dignidade de quem pudesse sofrer suas consequências.

Mesmo que uma tecnologia seja apresentada como extraordinária, continuam existindo questões sobre liberdade, violência e consentimento. A perspectiva espiritual avalia essas escolhas.

A história de a vida pertence ao criador também pode ser vista do lado de quem seria afetado. Nem todas as pessoas descritas nos relatos teriam escolhido participar. Por isso entram em cena o conhecimento da própria situação, a liberdade de decisão e os interesses

de quem controlaria os procedimentos. Mesmo quando o autor destaca máquinas e instalações, o efeito principal de sua narrativa recai sobre corpos, memórias, trajetórias pessoais e relações de poder.

Uma criatura capaz de escolher

A verdadeira gravidade da amálgama proibida estaria, portanto, na pretensão de produzir para dominar. A exploração do corpo, da memória ou da identidade aparece como ruptura ética independentemente do instrumento utilizado. A linguagem da obra é forte porque trata de um perigo extremo: reduzir a pessoa a peça substituível. O Criador, na leitura bíblica aqui adotada, não entrega a seres humanos ou espirituais o direito de possuir a consciência de outro ser.

O livro adota a ideia de que um ser consciente capaz de reconhecer Deus não estaria automaticamente excluído da salvação por causa de sua origem. Isso protege a dignidade do indivíduo.

Outra maneira de compreender esse trecho é imaginar o problema de organização enfrentado pelos supostos responsáveis. Cada utilização teria de atender a uma finalidade: reunir pessoas em segredo, ocupar o lugar de alguém, proteger um original ou manter uma

imagem pública. Os modelos relatados por Marshall são apresentados como respostas diferentes a necessidades diferentes. Assim, a variedade de categorias não é simples mudança de nome, mas parte da lógica interna do seu sistema.

Por que a fé não é uma ficha técnica

Linguagem bíblica pode orientar uma avaliação moral, mas não substitui a descrição de um dispositivo. O leitor encontrará as duas perspectivas em suas áreas próprias.

Para guardar o essencial deste capítulo, vale retornar a três perguntas: qual é a afirmação feita, qual é o nome dado ao processo e por que alguém teria interesse nele? Essas perguntas ajudam a compreender a vida pertence ao criador sem perder o enredo maior do livro. Elas também mostram a razão de os relatos tratarem a fabricação de cópias como assunto de poder, e não apenas como curiosidade biológica. O próximo capítulo acrescenta outro elemento dessa mesma narrativa.

Capítulo 19 — Donald Marshall e seu testemunho

O assunto deste capítulo, em palavras simples

Donald Marshall é o personagem central deste livro porque reuniu uma exposição extensa em primeira pessoa. Seu documento de 2015 apresenta uma introdução, nomes anteriores, explicações sobre sono e consciência, uma classificação dos clones, relatos pessoais e referências. Marshall afirma que começou a sofrer experiências ainda na infância e que, durante anos, teria sido impedido de recordá-las. O relato combina acontecimentos pessoais e acusações sobre uma rede de poder.

Marshall se apresenta como testemunha de experiências pessoais e autor de denúncias. O documento de outubro de 2015 procura organizar seu testemunho para circulação pública.

O primeiro cuidado para acompanhar donald marshall e seu testemunho é entender a ordem das informações. O documento conta uma sequência; o leitor não precisa decorar nomes estrangeiros para percebê-la.

Primeiro vem o problema que os autores apresentam. Depois aparecem os recursos que, segundo eles, seriam empregados. Por fim surgem os objetivos atribuídos ao sistema e os efeitos que ele provocaria sobre pessoas comuns. Essa ordem é o fio que conduz o capítulo.

A construção de um relato longo

A principal contribuição documental de Marshall é ter colocado uma ordem no que circulava de forma dispersa. Ele diferencia o nascimento de um clone comum da produção rápida de um corpo; distingue os modelos dependentes de sono dos independentes; atribui prazos ao cultivo; descreve manutenção e falhas; e liga essas operações a usos políticos, militares e artísticos. Para o leitor que deseja conhecer suas afirmações, essa organização vale mais do que dezenas de vídeos curtos e desconectados.

O texto combina informações biológicas, lembranças, nomes de pessoas públicas, explicações sobre sono e interpretações sobre poder. Sua extensão mostra a ambição de apresentar um sistema inteiro.

Convém prestar atenção às expressões usadas pelas fontes. Uma palavra técnica pode ter um significado

conhecido na ciência e outro mais amplo no relato clandestino. Ao explicar os dois sentidos, é possível acompanhar a história sem misturar processos diferentes. Aqui, a linguagem cotidiana funciona como uma tradução: em vez de esconder o assunto atrás do inglês, ela mostra quem estaria envolvido, o que estaria sendo feito e com qual finalidade.

Por que ele cita outros denunciantes

O documento também cita Phil Schneider, George Green e Aaron Russo. Schneider aparece associado a relatos de instalações subterrâneas e tecnologias militares. Green aparece ligado à produção de seres sintéticos. Russo é mencionado por suas críticas à concentração de poder e à vigilância. Os três não falam necessariamente da mesma tecnologia, mas são utilizados por Marshall para compor um cenário de segredo, controle e desigualdade de informação.

Marshall recorre a Phil Schneider, George Green e Aaron Russo para formar uma moldura de segredo e tecnologia. Esses nomes pertencem à arquitetura argumentativa do documento.

A história de donald marshall e seu testemunho também pode ser vista do lado de quem seria afetado.

Nem todas as pessoas descritas nos relatos teriam escolhido participar. Por isso entram em cena o conhecimento da própria situação, a liberdade de decisão e os interesses de quem controlaria os procedimentos. Mesmo quando o autor destaca máquinas e instalações, o efeito principal de sua narrativa recai sobre corpos, memórias, trajetórias pessoais e relações de poder.

O vocabulário próprio

O testemunho deve ser lido como fonte de uma narrativa identificável, com autoria e data. Isso significa que uma afirmação pode ser localizada e examinada, em vez de circular como rumor sem origem. O livro não necessita chamar o leitor a aceitar tudo sem exame. Sua tarefa é tornar compreensível o que os documentos dizem, a sequência das alegações e a importância de cada informação dentro do conjunto.

Mark, REM driven, duplicate clone, DUMB e consciousness transfer são termos usados para organizar seu relato. Traduzir cada palavra evita que o leitor fique dependente do inglês.

Outra maneira de compreender esse trecho é imaginar o problema de organização enfrentado pelos supostos

responsáveis. Cada utilização teria de atender a uma finalidade: reunir pessoas em segredo, ocupar o lugar de alguém, proteger um original ou manter uma imagem pública. Os modelos relatados por Marshall são apresentados como respostas diferentes a necessidades diferentes. Assim, a variedade de categorias não é simples mudança de nome, mas parte da lógica interna do seu sistema.

O dossiê como documento histórico

Mesmo sem comprovar as operações alegadas, uma publicação datada permite saber o que foi afirmado e quando. A análise começa respeitando as palavras que o autor efetivamente escreveu.

Para guardar o essencial deste capítulo, vale retornar a três perguntas: qual é a afirmação feita, qual é o nome dado ao processo e por que alguém teria interesse nele? Essas perguntas ajudam a compreender donald marshall e seu testemunho sem perder o enredo maior do livro. Elas também mostram a razão de os relatos tratarem a fabricação de cópias como assunto de poder, e não apenas como curiosidade biológica. O próximo capítulo acrescenta outro elemento dessa mesma narrativa.

Capítulo 20 — Ingrid, os arquivos e a circulação da história

O assunto deste capítulo, em palavras simples

Em 2025, Ingrid publicou o artigo 'Duplication Cloning', dedicado especificamente à clonagem por duplicação. O texto retoma a divisão entre modelos Mark, os tanques de cultivo, as cópias independentes e a transferência ligada ao sono. É uma porta de entrada mais curta para o assunto, mas não substitui as páginas do documento original. A vantagem de ler ambos é perceber quais informações Ingrid resumiu e quais detalhes ficaram na exposição extensa de Marshall.

Ingrid publicou textos recentes que reorganizam os relatos de Marshall para leitores atuais. Duplication Cloning se concentra na suposta fabricação acelerada.

O primeiro cuidado para acompanhar ingrid, os arquivos e a circulação da história é entender a ordem das informações. O documento conta uma sequência; o leitor não precisa decorar nomes estrangeiros para percebê-la. Primeiro vem o problema que os autores apresentam. Depois aparecem os recursos que,

segundo eles, seriam empregados. Por fim surgem os objetivos atribuídos ao sistema e os efeitos que ele provocaria sobre pessoas comuns. Essa ordem é o fio que conduz o capítulo.

Replicação num texto separado

Em 2026, a autora publicou 'Replication Cloning', voltado à reprodução genética que começa com um novo organismo e passa por crescimento comum. Essa continuidade ajuda a separar dois imaginários: o do bebê geneticamente semelhante a alguém e o do adulto produzido para funcionar como substituto imediato. Muitas discussões populares misturam os dois, gerando confusão sobre idade, memória e identidade.

Em 2026, um artigo posterior tratou da chamada replication cloning, permitindo diferenciar o clone que cresceria desde bebê da duplicata adulta.

Convém prestar atenção às expressões usadas pelas fontes. Uma palavra técnica pode ter um significado conhecido na ciência e outro mais amplo no relato clandestino. Ao explicar os dois sentidos, é possível acompanhar a história sem misturar processos diferentes. Aqui, a linguagem cotidiana funciona como uma tradução: em vez de esconder o assunto atrás do

inglês, ela mostra quem estaria envolvido, o que estaria sendo feito e com qual finalidade.

Por que arquivos preservados importam

Arquivos digitais como PDF Archive e páginas que preservam documentos antigos têm papel importante na recuperação de versões. Uma página pode mudar, um vídeo pode desaparecer e uma rede social pode excluir postagens. Um arquivo datado oferece ao pesquisador a oportunidade de comparar o texto de ontem com a versão divulgada hoje. Isso não transforma automaticamente cada conteúdo em prova de acontecimentos, mas conserva o rastro documental daquilo que foi dito.

Páginas da internet podem sair do ar ou mudar. PDFs e cópias arquivadas ajudam a acompanhar a circulação de uma declaração ao longo dos anos.

A história de ingrid, os arquivos e a circulação da história também pode ser vista do lado de quem seria afetado. Nem todas as pessoas descritas nos relatos teriam escolhido participar. Por isso entram em cena o conhecimento da própria situação, a liberdade de decisão e os interesses de quem controlaria os procedimentos. Mesmo quando o autor destaca

máquinas e instalações, o efeito principal de sua narrativa recai sobre corpos, memórias, trajetórias pessoais e relações de poder.

A influência das imagens

Também vale observar como títulos chamativos alteram a recepção do assunto. Uma reportagem pode dizer 'clone', querendo falar de genética. Outra emprega a mesma palavra para um sósia, um avatar digital ou um personagem fictício. O livro insiste numa linguagem clara: cada vez que surgir um termo, será explicado de que categoria se trata. Essa clareza é uma proteção contra a confusão e ajuda o público a acompanhar a investigação sem formação científica avançada.

Fotografias, desenhos e montagens atraem atenção, mas precisam ser lidos junto de legendas e origens. O uso de uma imagem não transforma automaticamente a alegação associada a ela em fato.

Outra maneira de compreender esse trecho é imaginar o problema de organização enfrentado pelos supostos responsáveis. Cada utilização teria de atender a uma finalidade: reunir pessoas em segredo, ocupar o lugar de alguém, proteger um original ou manter uma

imagem pública. Os modelos relatados por Marshall são apresentados como respostas diferentes a necessidades diferentes. Assim, a variedade de categorias não é simples mudança de nome, mas parte da lógica interna do seu sistema.

Uma cadeia de textos

Beter, Green, Marshall e Ingrid são autores de épocas distintas. Compará-los permite identificar o que surgiu primeiro e quais ideias foram repetidas ou modificadas.

Para guardar o essencial deste capítulo, vale retornar a três perguntas: qual é a afirmação feita, qual é o nome dado ao processo e por que alguém teria interesse nele? Essas perguntas ajudam a compreender ingrid, os arquivos e a circulação da história sem perder o enredo maior do livro. Elas também mostram a razão de os relatos tratarem a fabricação de cópias como assunto de poder, e não apenas como curiosidade biológica. O próximo capítulo acrescenta outro elemento dessa mesma narrativa.

Capítulo 21 — As perguntas que organizam uma investigação pública

O assunto deste capítulo, em palavras simples

Ao encontrar uma alegação sobre clonagem rápida, a primeira pergunta não precisa ser 'acreditar ou não acreditar?'. Uma investigação melhor começa com 'quem contou?', 'quando contou?' e 'onde está o documento original?'. Em seguida vêm as perguntas sobre as palavras utilizadas. Replicação é a mesma coisa que duplicação? Um corpo dependente de sono é igual a uma cópia independente? O relato fala de uma pessoa real, de um sósia ou de uma imagem digital?

Perguntar quem falou, em que data e em qual publicação é o primeiro passo de qualquer investigação. A resposta impede que uma frase sem origem circule como se fosse prova nova.

O primeiro cuidado para acompanhar as perguntas que organizam uma investigação pública é entender a ordem das informações. O documento conta uma sequência; o leitor não precisa decorar nomes

estrangeiros para percebê-la. Primeiro vem o problema que os autores apresentam. Depois aparecem os recursos que, segundo eles, seriam empregados. Por fim surgem os objetivos atribuídos ao sistema e os efeitos que ele provocaria sobre pessoas comuns. Essa ordem é o fio que conduz o capítulo.

A diferença entre descrição e identificação

A próxima tarefa é ordenar os acontecimentos. As datas de 1938 e 1945 aparecem associadas a fontes diferentes. A década de 1970 traz as cartas de Beter. O ano de 2008 aparece nas entrevistas atribuídas a Green. Marshall começa a circular relatos em 2012 e publica uma exposição extensa em 2015. Depois vêm as revisões de Ingrid. Uma linha do tempo simples ajuda a não transformar afirmações antigas em descobertas de ontem.

Um relato pode mencionar tanques, pessoas e lugares, mas identificar uma instalação exige elementos mais concretos. Descrever e localizar são verbos diferentes.

Convém prestar atenção às expressões usadas pelas fontes. Uma palavra técnica pode ter um significado conhecido na ciência e outro mais amplo no relato

clandestino. Ao explicar os dois sentidos, é possível acompanhar a história sem misturar processos diferentes. Aqui, a linguagem cotidiana funciona como uma tradução: em vez de esconder o assunto atrás do inglês, ela mostra quem estaria envolvido, o que estaria sendo feito e com qual finalidade.

Quando duas fontes parecem concordar

Também importa separar conhecimento técnico comum e uso extraordinário de seus nomes. DNA, célula, REM, microchip, RFID, regeneração e inteligência artificial têm significados próprios em ciência e tecnologia. Nos relatos de Marshall, esses termos são combinados com operações clandestinas muito mais amplas. A boa leitura explica o termo real e depois mostra que função ele recebe na narrativa. Assim ninguém precisa fingir que uma palavra difícil prova, por si, toda a história.

Duas páginas podem repetir o mesmo texto e parecer depoimentos independentes. É necessário observar se ambas dependem de uma única entrevista anterior.

A história de as perguntas que organizam uma investigação pública também pode ser vista do lado de quem seria afetado. Nem todas as pessoas descritas

nos relatos teriam escolhido participar. Por isso entram em cena o conhecimento da própria situação, a liberdade de decisão e os interesses de quem controlaria os procedimentos. Mesmo quando o autor destaca máquinas e instalações, o efeito principal de sua narrativa recai sobre corpos, memórias, trajetórias pessoais e relações de poder.

O peso das palavras técnicas

Finalmente, é necessário observar a dignidade das pessoas mencionadas. Imagens de autoridades e artistas podem ser analisadas como documentos visuais, mas a simples existência de rugas, mudanças no cabelo ou maneiras diferentes de falar não deve ser apresentada como exame genético. O objetivo do livro não é fabricar culpados a partir de fotografias. É reconstruir uma alegação de alcance mundial, identificar suas fontes e explicar por que ela se tornou uma história tão poderosa.

Termos como transferência nuclear, RFID e REM pertencem a campos científicos reais. Entender seu significado ajuda a perceber como são empregados numa narrativa muito mais ampla.

Outra maneira de compreender esse trecho é imaginar o problema de organização enfrentado pelos supostos responsáveis. Cada utilização teria de atender a uma finalidade: reunir pessoas em segredo, ocupar o lugar de alguém, proteger um original ou manter uma imagem pública. Os modelos relatados por Marshall são apresentados como respostas diferentes a necessidades diferentes. Assim, a variedade de categorias não é simples mudança de nome, mas parte da lógica interna do seu sistema.

A pergunta sobre pessoas reais

Acusações de substituição atingem pessoas identificáveis. O cuidado com nomes, datas e contexto protege a investigação de confundir suspeitas com acontecimentos documentados.

Para guardar o essencial deste capítulo, vale retornar a três perguntas: qual é a afirmação feita, qual é o nome dado ao processo e por que alguém teria interesse nele? Essas perguntas ajudam a compreender as perguntas que organizam uma investigação pública sem perder o enredo maior do livro. Elas também mostram a razão de os relatos tratarem a fabricação de cópias como assunto de poder, e não apenas como

curiosidade biológica. O próximo capítulo acrescenta outro elemento dessa mesma narrativa.

Capítulo 22 — A amálgama proibida e o futuro da liberdade

O assunto deste capítulo, em palavras simples

Ao final desta caminhada, a narrativa deixa de ser apenas sobre clones. Ela trata da relação entre tecnologia e poder. O desejo de curar doenças, reparar tecidos e compreender o corpo pertence a uma longa história de conhecimento humano. O desejo de possuir pessoas, comandar suas lembranças e colocá-las em situações que não escolheram pertence a outra história: a da dominação. O problema surge quando a inteligência técnica é colocada a serviço da violência.

O tema mais forte do livro não é uma máquina, e sim a possibilidade de separar aparência, consciência e responsabilidade. É essa combinação que inspira o subtítulo.

O primeiro cuidado para acompanhar a amálgama proibida e o futuro da liberdade é entender a ordem das informações. O documento conta uma sequência; o leitor não precisa decorar nomes estrangeiros para percebê-la. Primeiro vem o problema que os autores

apresentam. Depois aparecem os recursos que, segundo eles, seriam empregados. Por fim surgem os objetivos atribuídos ao sistema e os efeitos que ele provocaria sobre pessoas comuns. Essa ordem é o fio que conduz o capítulo.

O que muda entre os modelos

Marshall descreve cópias produzidas a partir de amostras biológicas, modelos ativados durante o sono, versões independentes comandadas por chips e corpos associados a indivíduos falecidos. As aplicações imaginadas atravessam governos, quartéis, bastidores de espetáculos e redes clandestinas. Todas elas levantam a mesma pergunta: quem decide sobre uma vida que foi transformada em objeto de uso? É essa pergunta que dá unidade aos capítulos.

As categorias de Marshall formam uma sequência: versões dependentes do sono, versões independentes e cópias de falecidos. O leitor pode voltar a essas diferenças para compreender as aplicações relatadas.

Convém prestar atenção às expressões usadas pelas fontes. Uma palavra técnica pode ter um significado conhecido na ciência e outro mais amplo no relato clandestino. Ao explicar os dois sentidos, é possível

acompanhar a história sem misturar processos diferentes. Aqui, a linguagem cotidiana funciona como uma tradução: em vez de esconder o assunto atrás do inglês, ela mostra quem estaria envolvido, o que estaria sendo feito e com qual finalidade.

O preço de transformar gente em ferramenta

A leitura bíblica proposta pela obra acrescenta uma resposta moral: o poder de manipular matéria não equivale ao poder de criar a vida em seu sentido mais profundo. Demônios, espíritos imundos e anjos caídos são apresentados pela tradição cristã como opositores da vontade do Criador; na interpretação adotada aqui, a imitação da criação e a servidão dos corpos seriam símbolos máximos dessa rebelião. Essa compreensão espiritual não altera as palavras dos documentos originais, mas oferece uma chave religiosa para pensar o significado do domínio.

Todas as supostas utilizações levantam o mesmo dilema moral: quem controla alguém que tem aparência e talvez consciência próprias? O problema ultrapassa a técnica.

A história de a amálgama proibida e o futuro da liberdade também pode ser vista do lado de quem seria afetado. Nem todas as pessoas descritas nos relatos teriam escolhido participar. Por isso entram em cena o conhecimento da própria situação, a liberdade de decisão e os interesses de quem controlaria os procedimentos. Mesmo quando o autor destaca máquinas e instalações, o efeito principal de sua narrativa recai sobre corpos, memórias, trajetórias pessoais e relações de poder.

A interpretação espiritual

O leitor encerra o livro conhecendo nomes, datas, expressões e categorias. Sabe o que as fontes chamam de replicação, duplicação, Mark 1, Mark 2, Mark 3, Mark 4, reanimação, sono REM e transferência de consciência. Sabe também que há uma diferença entre a história documentada das declarações e a confirmação material de cada operação narrada. A força de uma investigação popular não está em esconder essa diferença, mas em explicar uma narrativa difícil de forma clara, sem roubar do leitor sua capacidade de pensar.

A obra trata a pretensão de imitar o Criador como tema teológico, associando rebeldia e domínio aos demônios descritos pela tradição bíblica.

Outra maneira de compreender esse trecho é imaginar o problema de organização enfrentado pelos supostos responsáveis. Cada utilização teria de atender a uma finalidade: reunir pessoas em segredo, ocupar o lugar de alguém, proteger um original ou manter uma imagem pública. Os modelos relatados por Marshall são apresentados como respostas diferentes a necessidades diferentes. Assim, a variedade de categorias não é simples mudança de nome, mas parte da lógica interna do seu sistema.

O leitor diante da história

Conhecer datas, nomes e documentos permite examinar a narrativa completa sem perder o contexto. Um livro popular pode ser claro e profundo sem apresentar depoimentos como resultados laboratoriais.

Para guardar o essencial deste capítulo, vale retornar a três perguntas: qual é a afirmação feita, qual é o nome dado ao processo e por que alguém teria interesse nele? Essas perguntas ajudam a compreender a amálgama proibida e o futuro da liberdade sem perder

o enredo maior do livro. Elas também mostram a razão de os relatos tratarem a fabricação de cópias como assunto de poder, e não apenas como curiosidade biológica. O próximo capítulo acrescenta outro elemento dessa mesma narrativa.

GLOSSÁRIO DE BOLSO

DNA — Molécula que contém instruções genéticas encontradas nas células.

CÉLULA — Pequena unidade viva que participa da formação de tecidos e órgãos.

CLONE — Organismo com informação genética nuclear igual ou muito semelhante à de outro, conforme o processo.

CLONAGEM POR REPLICAÇÃO — Nome usado por Marshall para gerar um novo indivíduo que começa a vida como bebê.

CLONAGEM POR DUPLICAÇÃO — Nome usado por Marshall para a alegada produção acelerada de um corpo já desenvolvido.

MEDICINA REGENERATIVA — Área da pesquisa dedicada à recuperação e substituição de tecidos e funções.

REM — Fase do sono conhecida pelos movimentos rápidos dos olhos e pela ocorrência frequente de sonhos.

TRANSFERÊNCIA DE CONSCIÊNCIA — Expressão usada nos relatos para descrever a passagem ou reprodução da experiência mental em outro corpo.

MARK 1 — Primeira geração de clone dependente de sono, com muitos efeitos colaterais, segundo Marshall.

MARK 2 — Geração aprimorada do clone dependente de sono REM, segundo Marshall.

MARK 3 — Clone independente ligado a uma cópia mental em microchip, segundo Marshall.

MARK 4 — Geração mais avançada do Mark 3, segundo Marshall.

CLONE REANIMADO — Termo do dossiê para cópia genética de alguém já falecido.

MICROCHIP — Pequeno circuito eletrônico utilizado para processamento, armazenamento ou transmissão de informações.

RFID — Identificação por radiofrequência, tecnologia real utilizada em diversas aplicações.

DUMB — Sigla inglesa para base militar subterrânea profunda, usada nos relatos.

SINTÉTICO — Expressão usada por George Green para supostos indivíduos fabricados artificialmente.

ROBOTOIDE ORGÂNICO — Nome usado em relatos antigos para supostos corpos biológicos controlados.

MKULTRA — Nome de um programa histórico de pesquisas e operações da CIA envolvendo métodos de influência psicológica.

AMÁLGAMA — Combinação de elementos diferentes; neste livro, a união entre corpo, controle técnico, poder e interpretação espiritual.

FONTES E LEITURAS

Donald Marshall. Empowerment by Virtue of Golden Truth: Human Cloning, Specifically REM Driven Human Cloning — Full Disclosure. Documento datado de 29 de outubro de 2015, 111 páginas. Fonte primária principal desta obra.

Ingrid. Duplication Cloning. Saving Donald Marshall, 29 de setembro de 2025. https://savingdonaldmarshall.substack.com/p/duplication-cloning

Ingrid. Replication Cloning. Saving Donald Marshall, 16 de junho de 2026. https://savingdonaldmarshall.substack.com/p/replication-cloning

Peter David Beter. Audio Letters, cartas de áudio divulgadas entre 1975 e 1982; material sobre 'organic robotoids'.

George Green. Entrevistas ao Project Camelot, 2008, citadas no documento de Marshall, especialmente nas páginas 11 e 12.

Valeria I. Petkova e H. Henrik Ehrsson. If I Were You: Perceptual Illusion of Body Swapping. PLOS ONE, 2008.

CBS News. A Holy Grail of Healing, reportagem sobre pesquisas de regeneração de tecidos, 7 de fevereiro de 2008.

CNN. Entrevistas com Raël sobre clonagem e transferência de memórias, 28 e 30 de dezembro de 2002.

Bíblia: Gênesis 1–2; Marcos 5; Judas 6; 2 Pedro 2:4; Apocalipse 12. Referências da leitura teológica da obra.

NOTA EDITORIAL

Esta obra reúne e explica declarações públicas, documentos de autores identificados, conceitos científicos e uma interpretação bíblica da dignidade humana. As descrições de tanques, clones Mark, manutenção de duplicatas, centros clandestinos e transferência de consciência são apresentadas como conteúdo dos relatos de Donald Marshall e autores relacionados. O livro não atribui essas descrições a estudos clínicos ou operações governamentais comprovadas. O compromisso editorial é permitir que o público leia, compreenda e encontre as fontes originais de cada narrativa.